RODRIGO ORTIZ VINHOLO
O PEQUENO
GUIA DE
SOBRE-
VIVÊNCIA
ONLINE
PARA O SÉCULO XXI

Pequeno guia de sobrevivência on-line para o século XXI
por Rodrigo Ortiz Vinholo

Texto: Rodrigo Ortiz Vinholo.
Revisão: Mile Cantuária
Design de capa: Centelha Estúdio
Projeto gráfico e diagramação: Centelha Estúdio
Ilustrações de capa: Vector-Juice / DepositPhotos

Quer compartilhar algo a respeito dele nas redes sociais? De preferência, use a hashtag **#PequenoGuiaDeSobrevivência**.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vinholo, Rodrigo Ortiz
Pequeno guia de sobrevivência on-line para o século XXI [livro eletrônico] / Rodrigo Ortiz Vinholo. -- São Paulo : Ed. do Autor, 2024.
PDF

ISBN 978-65-01-10149-1

1. Comportamento 2. Comportamento social 3. Etiqueta 4. Internet (Rede de computadores) - Aspectos sociais 5. Notícias falsas 6. Redes sociais on-line - Aspectos sociais I. Título.

24-218329 CDD-302.23

Índices para catálogo sistemático:

1. Internet : Comportamento : Comunicação 302.23

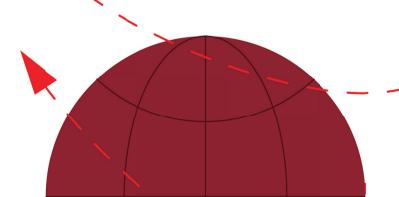
Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

Para todas as versões deste livro e links referenciados neste texto, acesse o Linktree da obra em:

https://linktr.ee/pequenoguiadesobrevivencia

O pequeno guia de sobrevivência online para o século XXI

Rodrigo Ortiz Vinholo

Introdução

Eu amo a Internet. Essa frase, por si só, já pode-ria ser justificativa para muito do que eu faço na minha vida, incluindo este livro e seu antecessor espiritual, o "Pequeno guia de etiqueta *on-line* para o século XXI".

Eu sou do tipo que gosta de proteger as pessoas, lugares e ideias que amo. O meu amor pela Internet, além de me fazer existir o dia inteiro nela, trabalhando, aprendendo, me divertindo ou passando raiva, me faz desejar buscar maneiras de torná-la um ambiente melhor. E, convenhamos,

isso começa admitindo o seguinte problema: tem horas que a nossa queridíssima rede mundial de computadores pode ser uma caçamba de estrume radioativo em chamas.

Tempos atrás, quando escrevi o meu guia de etiqueta, minha esperança era educar o usuário leigo e relembrar, para os mais experientes, que existem pequenas coisas que podemos fazer para todos conviverem melhor. Recebi boas respostas, geralmente de pessoas que concordavam comigo (como era de se esperar), e sigo insistindo para alcançar ainda mais pessoas.

Inclusive, se você ainda não baixou gratuitamente o "Pequeno guia de etiqueta *on-line* para o século XXI", você pode encontrá-lo facilmente em https://linktr.ee/pequenoguiadeetiqueta ou em minhas bios em redes sociais.

Chegou a um ponto, porém, em que noto que é necessário ser um pouco mais combativo, tornando a conversa um pouco mais séria e aprofundada em situações em que, pelo próprio formato e proposta do primeiro livro, não fazia sentido eu me alongar.

Aqui é a obra em que vamos falar de alguns dos lados bem mais desagradáveis da Internet, e até de certos aspectos verdadeiramente criminosos, focando em notícias falsas e ódio *on-line*. Meu objetivo aqui é ajudar todos a entender esses fenômenos e, a partir disso, permitir que pos-

samos evitá-los, combatê-los e proteger a nós mesmos e aos outros.

Claro, é possível que usuários avançados não encontrem novidades aqui. O formato propositalmente resumido de certas partes, em especial dos destaques de características, provavelmente não terá tantas novidades de uso, mas pode servir como um meio mais didático para leigos. Em outros pontos, porém, especialmente nas referências finais sobre denúncias *on-line*, espero ser útil até para aqueles que se veem com mais tempo de rede e, por vezes, desistiram de tentar mudar alguma coisa frente à constante enchente de esgoto que a Internet consegue ter.

A Internet é uma de minhas casas. É lá onde estão vários dos meus amigos, inclusive alguns que só conheço através das telas dos meus dispositivos. Sei que vários de vocês pensam assim, então os convido a sobreviverem comigo, na esperança de que possamos limpar nem que seja um pouquinho da sujeira que polui tantas cabeças e corações.

Fiquem em paz, divirtam-se, e contem comigo.

Abraços,
Rodrigo Ortiz Vinholo.
4 de março de 2024.

Agradecimentos especiais (em ordem alfabética) a Alexandre Pereira Viana, Carol Peace, Carolina Pacheco Ribeiro, Mariana Rolin, Maurício da Fonte Filho, Mile Cantuária, Rique Morais e a todos os outros que acompanham minhas esquisitices na Internet.

Como utilizar este livro

Este livro possui três partes.

Na primeira, vamos repassar juntos as principais características das *fake news* para entendermos e nos prepararmos para encontrá-las no dia a dia, mais um *checklist* que funciona como um guia rápido de averiguação de notícias falsas.

Na segunda, o foco é no ódio *on-line*, com características e reflexões sobre esse tipo de comportamento na Internet, na organização de grupos, e tudo que se conecta a esse fenômeno. No fim dessa lista, há um destaque especial sobre cuidados na hora de lidar com perfis de ódio na Internet.

Na terceira, há um destaque especial sobre como fazer denúncias de conteúdo de ódio *on-line*, seja através dos próprios sistemas das redes sociais ou, lógico, nos canais disponibilizados por autoridades.

Como no "Pequeno guia de etiqueta *on-line* para o século XXI", o foco é em ser algo fácil de entender e compartilhar. Pensando nisso, a redação de cada característica, contando o título, é de até 280 caracteres com espaços. Cada lista de características está acompanhada de destaques pontuais no formato de dicas, com o mesmo cuidado de tamanho. Elas adicionam sugestões práticas à leitura, ou esclarecimentos e referências complementares que podem ser úteis na compreensão do que é apresentado.

Leia na ordem que quiser, contudo tenha em mente que há uma ordem pensada de raciocínio para que as regras e suas respectivas dicas façam mais sentido.

Boa sorte.

Parte 1: Fake News

Introdução: *sobre desinformação, expectativas, desejos e o caos*

Ah, as notícias falsas, o mundo seria tão melhor sem elas! Começamos na época em que elas eram chamadas só de “rumores”, “teorias” ou literalmente de “mentiras”, aí passamos para “notícias falsas”, “*fake news*”, e agora estamos tão acostumados que até esse nome soa um pouco fora de moda.

Seja lá qual for o nome que queremos usar, desde os primórdios da Internet estavam aí, sendo versões digitais da boataria do mundo. Claro

que algumas épocas são piores — situações políticas mais intensas (como eleições) atraem esse tipo de coisa aos montes —, mas elas estão sempre à espreita.

Nós temos o costume, porém, de pensá-las de modo genérico, amplo, como se fossem uma força maligna sem rosto. Mas é preciso lembrar que elas são, sim, criadas por pessoas. Elas são criadas por mentirosos, que representam um ou outro grupo, ou anônimos que querem o caos, e, ainda que o elemento humano esteja sempre implícito e que exista muito caos intermediário que não surge de caso pensado, é preciso que lembremos que elas são, em sua imensa maioria, criadas propositalmente por pessoas mal-intencionadas. Um mal-entendido repassado é um acidente, mas uma descontextualização e uma montagem não são. No geral, raros são os casos de uma confusão conceitual inocente.

Sim, existem, sem dúvida, aquelas que são produzidas por pessoas que agem na ignorância da realidade e com incrível irresponsabilidade. Mas mesmo essas, apesar de até poderem ter surgido a partir de boas intenções, podem causar um estrago imenso, tão grande ou até maior do que as feitas conscientemente, de modo que não há muito espaço para defesa.

Afinal, para que serve uma notícia falsa?

É difícil criar uma lista exata de efeitos, já que vai variar da notícia em si, mas é fato que elas servem para, pelo menos, um destes objetivos a seguir:

Obs.: Apesar dos números, a lista não está por ordem de importância ou de intensidade, e nem todos os objetivos surgem em todos os tipos de notícias.

1. **Mentir.** Como o nome sugere, elas são falsidades. Ou seja, elas querem te convencer de algo que não é verdade;

2. **Desinformar e distorcer.** Além da simples enganação, elas geralmente querem substituir um fato verdadeiro, tratando-o como falso, oferecendo uma alternativa para ele;

3. **Descontextualizar e tendenciar.** Muitas vezes, uma notícia falsa apresenta um fato verdadeiro, mas omite ou distorce o sentido, ou apresenta apenas parte da verdade, ou descreve um fato de modo enviesado, para manipular sua opinião sobre ele;

4. Desacreditar. Muitas notícias falsas servem não para te informar, mas para fazer com que você não acredite em fontes legítimas. Isso abre as portas para te deixar suscetível a ignorar fatos verdadeiros e acreditar em outros ilegítimos;

5. Gerar caos e incerteza. Dar informações que, mesmo que não te convençam, podem te confundir é um caminho forte para que você, no fim das contas, não saiba o que fazer e acredite no que soar mais fácil, ou simplesmente não tome qualquer atitude.

6. Convencer e elogiar. Muitas *fake news* são usadas para reforçar a credibilidade e a imagem de determinada pessoa, grupo, informação ou fonte, às custas da reputação alheia ou não;

7. Gerar reações emocionais. É comum que notícias falsas sejam feitas de modo a gerar medo ou raiva, para poderem te convencer a tomar alguma atitude ou para manipular sua opinião. Em outros casos, tristeza, angús-

tia e mesmo alegria podem ser usadas como elementos de manipulação;

8. Reforço de crença e formação de grupos. Ao levar você a pensar que tem razão e que pertence a uma comunidade, é mais fácil usar sua participação para te colocar para fazer alguma coisa que eles querem;

9. Tomada de ação: comprar alguma coisa, boicotar outra, apoiar ou rejeitar uma pessoa/grupo/ideia. Muitas *fake news* contam com chamados a alguma luta ou atividade, individual ou em grupo;

10. Possibilitar golpes. Muitas vezes notícias falsas também são usadas como meio de aplicar golpes nas pessoas, seja compartilhando *links* que facilitam invasões ou o roubo de dados, ou coletando informações de formas diversas cedidas de forma voluntária.

Achou que era simples, né? Estamos acostumados a falar de notícias como uma guerra de narrativas entre dois lados, mas o buraco é mais embaixo.

E é aí que mora o perigo: notícias falsas não são um problema apenas porque são falsas. Elas são um problema porque elas são falsidades que atendem aos desejos do que as pessoas gostariam que fosse realidade.

50 características de *fake news* (e várias dicas)

Hoje, nem os que vivem na Internet desde o começo de sua popularização são imunes às notícias falsas, então é preciso sempre ter atenção. A parte boa é que, apesar de certa sofisticação, as *fake news* seguem sempre determinadas fórmulas que não resistem a uma análise cuidadosa, especialmente seguindo algumas dicas.

Vamos analisar 50 pontos e sugerir bons hábitos que você deve ter na hora em que receber qualquer informação na Internet. Seguir estes cuidados será muito bom para você, para as pessoas que te cercam e para a sociedade como um todo.

O bom senso agradece.

E lembre-se: você não é imune a manipulações e propagandas em qualquer sentido das palavras, incluindo as que chegam por *fake news*.

1

Toda notícia falsa fingirá ser verdadeira.

O óbvio precisa ser dito: nenhuma *fake news* dirá que é mentira, pelo contrário, o apelo de ser a verdade é um tema recorrente nesse tipo de coisa, fazendo ainda o possível para desacreditar quem a poderia desmentir.

2

Notícias falsas preferem a incerteza.

Muitas vezes, mensagens compartilhando notícias falsas deixam claro que estão repassando algo que pode ou não ser verdadeiro. Isso é uma estratégia, porque não deixam de passar a falsidade, e ainda tentam isentar o emissor de culpa.

3

Falta de fonte indica possível falsidade.

Toda notícia precisa de fontes, caso contrário é rumor, fofoca, e, por padrão, não devemos acreditar nesse tipo de coisa. Recebeu uma notícia? Veja se há referências das afirmações que estão nela. Se não tem fonte, desconfie!

__Dica:__ Busque a afirmação principal da notícia no Google, usando palavras da mensagem recebida. Se for verdadeira, ela surgirá reproduzida por fontes confiáveis. Muitas vezes, também, você a encontrará desmentida em sites especializados em verificação de notícias.

4

Se ninguém mencionou antes, deve ser mentira.

Se não há referência confirmando nem desmentindo, provavelmente é mentira ainda assim. Dificilmente você receberá uma notícia em primeira mão. Geralmente, ela terá sido reproduzida por outros canais se for verdadeira.

Dica: *Canais maiores, como grandes portais de notícia, são veículos que, por notoriedade e tamanho, podem ser facilmente processados por notícias falsas, portanto tendem a não passar informações inverídicas (o que não os torna infalíveis ou bem-intencionados, veja bem).*

5

Só acredite em fontes com boa reputação.

Um *blog* obscuro não é uma fonte confiável. Alguém falando algo no YouTube também não. O Facebook também não, o WhatsApp muito menos. Esses são terra de ninguém, EXCETO se citarem fontes, e se de fato disserem o que está nas fontes.

Dica: *Não existem veículos imparciais, do mesmo modo que não existem pessoas imparciais. O melhor que conseguimos é uma aproximação civilizada de imparcialidade. Por isso, prefira ter várias fontes, e não confiar plenamente em nenhuma delas, mas entendê-las como referências.*

6

Não acredite em torcida, mesmo que seja a sua.

Se um canal ou pessoa tem um histórico de tomar certa posição, mesmo que cite fontes, leve isso em conta. Em casos como esse, espere que todas as notícias tentem apenas ecoar o mesmo posicionamento sempre, ao nível de manipulação.

7

Se a notícia confirma sua opinião, questione.

Fake news são distribuídas mais efetivamente através de pessoas que compartilham medos, crenças ou preferências, mandando-as para quem concorda com elas. Cria-se, com isso, um viés de confirmação[1] que bloqueia a informação real.

Dica: *Pode ser que a pessoa que te mandou a notícia falsa não seja mal-intencionada, mas só alguém que realmente quer acreditar em algo, ou que foi enganada. Isso não é desculpa para repassar o conteúdo, ou acreditar nele.*

---

1 Viés de confirmação é a tendência de lembrar, interpretar ou pesquisar informações de modo a confirmar crenças ou hipóteses iniciais. Ou seja, é a mania de procurar provas que justificam e "comprovam" tudo que falamos, pensamos e como agimos.

8

Não acredite porque quer acreditar.

Muitas notícias falsas são fáceis de identificar como tais, porque elas validam exatamente uma crença ou percepção de um grupo de pessoas. Sabe o "é bom demais para ser verdade"? Pois é, geralmente não é mesmo verdade, não se ofenda por isso.

Dica: *Cuidado! Nossa torcida pode ser para o bom ou para o ruim. Se esperamos o pior de algo, qualquer notícia que fale algo de bom sobre isso será desacreditada, e qualquer notícia que fale o pior será crível. O oposto, claro, acontece para aquilo de que esperamos o melhor.*

9

Não é porque você gosta que é verdadeiro, e não é porque você não gosta que é falso.

Muitas notícias falsas servem para desacreditar as verdadeiras: o *fake* acusa o outro de ser o *fake*. Com isso, você nega a verdade, foge dela, e repete o que querem.

Dica: *Se uma mensagem acusa outra de fake news, atente-se para as referências, contexto e tudo mais que vimos e veremos aqui. Pode ser que seja mentira ou manipulação, mas pode ser que seja balela.*

10

É possível que alguém que você odeie esteja falando a verdade ou tenha razão.

Pode parecer grave, até inaceitável, mas acontece, nem que seja com uma crítica ou ponto ocasional. Isso não quer dizer que você precisa sempre dar ouvidos a essa fonte, mas vale observar.

Dica: *Uma estratégia comum de notícias falsas é desacreditar uma fonte como um todo. Sim, existem fontes que devem ser desconsideradas, mas é importante ter raciocínio próprio e curadoria de conteúdo, evitando rejeição automática.*

11 Fuja de qualquer apelo à emoção.

Notícias falsas geralmente apelam à sua emoção: fazem você sentir raiva, tristeza, indignação ou medo para acreditar no que foi visto. O apelo frequentemente se relaciona a sentimentos já existentes. Isso é feito para você não pensar.

Dica: *Por vezes, a informação pode ser total ou parcialmente real, mas injeta-se um sentimento para forçar sua reação a ser maior do que o necessário, tirando de proporção o que é dito. Mesmo sem um acabamento estético, pode existir a sugestão de sentimento no texto.*

12

Nenhuma notícia que se preze é dada aos gritos.

A notícia foi dada aos gritos? Há alguém chorando? Há música triste, fúnebre, tensa? Ou, ao contrário, há música alegre, patriótica, inspiradora? Alguém falando que "é um absurdo", ou "uma vergonha"? Cuidado: querem te manipular.

Dica: *Programas policiais adoram a estética de projeção emocional extrema, e muitas vezes eles também produzem conteúdo para a Internet. Obviamente, não são só eles que fazem esse tipo de material.*

13

Senso de urgência ajuda a te manipularem.

Se alguém está dizendo que algo é “urgente”, fique de olho. Pode ser que seja verdade que há algo importante, novo, ou exclusivo, mas o destaque é um jeito fácil de apenas puxar sua atenção e não garante verdade.

14
Cuidado com estética manipuladora.

Texto com todas as letras maiúsculas, excesso de emojis, uso de formatação de texto exagerada; imagens e vídeos com títulos alarmistas, montagens dramáticas ou agressivas, cenas fortes; tudo isso é apoio para manipulação.

Dica: *O caminho mais fácil é considerar que, se não está escrito como estaria em um jornal, revista ou livro, provavelmente não é uma fonte confiável ou parcial, ou ao menos não está sendo transmitido de modo confiável.*

15

Certifique-se do contexto correto.

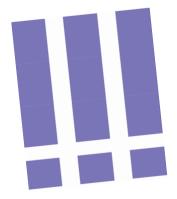
Notícias falsas comumente retiram frases, cenas e fotos do contexto para alimentar uma narrativa específica. É comum que finjam que sarcasmo e sátira foram reais, bem como que ocultem informações complementares (ou adicionem outras, falsas).

Dica: *Se um vídeo ou foto só tem contexto complementar em texto, desconfie. Se um vídeo ou áudio tem cortes evidentes, desconfie. Se um vídeo ou foto justifica outro, desconfie. Se você só vê trechos específicos de um debate, desconfie.*

16

Certifique-se da data e da referência histórica.

Viu um número ou estatística chocante... mas você tem os outros anos para comparar? Algo aumentou ou diminuiu, mas você sabe em relação a quanto? Além disso, o dado ou informação enviada se refere ao período a que diz se referir?

17

É fácil fazer montagens.

Além de cortes de contexto ou ligações de cenas e fotos diferentes, é comum dublarem vídeos, legendarem línguas diferentes com traduções mentirosas e, cada vez mais, há a chance de fazerem substituição de rostos. Cuidado.

Dica: *O som está estranho? Veja se não pode ter sido dublado. Alguém está falando algo por cima da filmagem ou por trás da câmera? Pode ser que essa gravação tenha sido sobreposta ao vídeo original. Se você não vê quem fala, desconfie de que o áudio possa não ser original.*

18

Cuidado com resumos.

A brevidade é uma arma da desinformação, porque o que é curto e simples é mais fácil de reproduzir aos quatro ventos, e com o máximo de urgência e emocionalidade. Uma manchete não é a matéria inteira. Um resumo não necessariamente tem o mais importante.

***Dica:** O uso de citações é especialmente efetivo para desinformar, no sentido de que a parte da conversa que foi destacada pode não exprimir o teor do resto da fala e do posicionamento da pessoa em questão.*

Não confie em quem usa novilíngua[2].

2 "Novilíngua" é um termo cunhado por George Orwell em sua obra "1984". Nela, uma sociedade é altamente controlada nos mais diversos aspectos, incluindo através da linguagem. Nesse cenário, surge a chamada "novilíngua", um tipo de idioma artificial que visa a condensação e remoção de palavras em termos novos, que limitam o escopo de significados e, através disso, do próprio pensamento, para poder manipular o comportamento das pessoas. Popularmente, essa terminologia é usada para designar quando diferentes grupos, geralmente dentro de um ou outro viés político, tentam utilizar de estratégias similares na vida real, especialmente em apelidos e gírias que abrangem de maneira simplista inimigos, suas identidades e visões de mundo.

Desconfie se, em uma notícia, uma ou mais palavras — geralmente o foco da notícia — foram substituídas por um apelido simplista, depreciativo, ou que altera o significado geral utilizado por essa palavra. Idem para terminologias incomuns.

Dica: *Se a notícia é incapaz de passar a informação chamando as coisas pelo nome certo, ela não é boa, porque quer atribuir um novo significado, ou suprimir outros significados que não sejam relevantes para o seu discurso. Em geral, boas fontes chamam as coisas pelo nome que têm.*

20

Não acredite em quem usa adjetivação desnecessária.

Fatos não precisam de uma descrição moral, nem de adjetivos que exaltem, diminuam ou critiquem o que acontece. Se estão usando adjetivos demais, suspeite que querem que você interprete a informação de acordo com eles.

Dica: *Algo "horrível", "pavoroso", "horrendo" não é isento. Se alguém é chamado de "monstro", "ignorante", "maníaco", "bandido", é porque querem que acredite que essa pessoa é assim. Quanto mais subjetivo o adjetivo, mais motivo para desconfiar.*

21

Se insulta, ironiza ou xinga, suspeite.

Jornais médios raramente xingam pessoas. No máximo, se isso ocorre, é em uma coluna ou editorial. No resto do tempo, há uma tentativa de isenção jornalística que não permite insultos. Aplique essa lógica em outras fontes de notícias.

Dica: *Além de memes e xingamentos diretos, criam-se ou descontextualizam-se notícias para atribuir um comportamento ridículo a um indivíduo ou grupo. Essas por vezes são de baixo impacto, mas são factoides para, com o tempo, desacreditar ou diminuir aqueles que são apontados.*

22

Não acredite em quem elogia.

Se alguém ou alguma coisa está sendo elogiada, tenha certeza de que essa notícia quer toda a sua afeição para o que é apresentado. De modo similar, cuidado com a estratégia de gerar elogios implícitos através da crítica a outras figuras.

23

Notícias falsas apelam a quem você é ou quer ser.

É comum que *fake news* apelem a noções e aspirações de identidade e de pertencimento para colocar as pessoas contra o que é dito, ou colocar um inimigo contra elas. Se nomes de grupo forem ditos, desconfie.

24

Se tem alguma frase de ordem, desconfie.

Esse é especial para a política, mas não exclusivamente: qualquer informação acompanhada de um *slogan* deve ser tomada por princípio como falsa; e quem compartilhou, como indigno de confiança. Fuja de frases de ordem em notícias.

25
Títulos e referências não se bastam.

"Um médico", "um especialista", "uma universidade", "um estudo", "uma investigação" etc. podem ser usados para dar credibilidade a alguma afirmação, mas não garantem nada, usando ou não o nome de uma pessoa ou instituição real.

Dica: *Às vezes, a notícia cita uma pessoa real, e ela realmente afirmou o que foi dito, então certifique-se que a autoridade em questão tem credenciais válidas. Um profissional desacreditado às vezes ainda exerce o cargo, mas isso não o torna confiável.*

26

Especialistas também erram — e mentem.

Especialistas são humanos, e sujeitos a errar, ou a vieses de todo tipo, ou a se expressarem mal. Muitas vezes, uma pessoa pode ser reconhecida em uma área de conhecimento e ainda falar uma besteira, seja porque errou ou porque mentiu.

Dica: *Vale lembrar, também, que não é porque uma pessoa é especialista em uma coisa que ela é especialista em tudo, mesmo em áreas de conhecimento próximas. Não faltam pessoas que abusam de títulos para tentar gerar credibilidade para suas próprias opiniões.*

27

Não é porque uma parte é verdade que tudo é verdade.

Como ocorre com teorias da conspiração, notícias falsas se baseiam muitas vezes na ligação de dois ou mais fatos que podem ser reais, mas são sem relação alguma, apenas para criar uma lógica relevante ao que querem afirmar.

Dica: *O mar não é um céu porque ambos são azuis, e essa semelhança não os torna iguais. Mas o conspirador vai tentar fazer isso, afirmando que tudo é real por conta do pouco que é verificável. Se você questionar, ele vai apontar esse pouco real como evidência.*

28

Notícias falsas querem te confundir.

Notícias falsas, muitas vezes, se não conseguirem te fazer acreditar em algo, vão tentar tirar sua confiança na realidade. O objetivo é gerar confusão, e jogar para você o trabalho da verificação do que estão afirmando. Não caia nessa.

29

Cuidado com "informações exclusivas" de fontes duvidosas.

Um jeito de tornar uma notícia mais atrativa é revesti-la com ar de segredo ou de proibição, como se fosse um segredo que vazou. Atenção para a origem: um estranho em uma rede social provavelmente não é confiável.

Dica: *"Não querem que você veja", "isso a grande mídia não fala", "não querem que você saiba" e outras frases de efeito do gênero geralmente acompanham muitas notícias falsas desse tipo.*

30

Não acredite em falsa censura.

Por vezes, inventa-se que certa informação não está sendo veiculada porque foi proibida, usando a ausência de veiculação como evidência. Na verdade, é só porque ela é falsa mesmo. Outras vezes, ela já foi veiculada, e só estão te manipulando.

Dica: *Muitas vezes, a "censura" é apenas alguém recebendo punição por algum crime. É comum, especialmente em discursos de ódio previstos na lei, bem como difamações, que quem é punido e quem o apoia tentem usar esse pretexto para continuar infringindo a lei.*

31

Quantidade não significa realidade.

Notícias falsas são compartilhadas milhares e até milhões de vezes, justamente para que pareçam reais, vindas de diferentes fontes. Algo que é dito a toda hora e lugar não é necessariamente verdade.

Dica: *Pense bem, a maior parte das pessoas não tem tempo, disposição ou vontade para verificar a veracidade de notícias. Se algo está espalhado e parece consenso, então reflita se é porque é evidente, ou se simplesmente é porque as pessoas estão exercendo ativamente a ignorância.*

32

Uma análise não torna um fato real.

Não é porque alguém está falando que algo é verdadeiro que faz ser verdade. Notícias falsas usam apelo à autoridade e carisma com “comentaristas”, “divulgadores”, “especialistas”, políticos e celebridades diversas repetindo a mentira.

Dica: *Se você perguntar algo como “Ah, mas você acha que essa pessoa colocaria a reputação dela em jogo por isso?”, a resposta sempre é “sim”. A história mostra incontáveis ocasiões em que isso aconteceu, seja por ideologia, dinheiro ou pura ignorância.*

33

Uma boa apresentação não torna algo verdadeiro.

Uma notícia ou análise dita por alguém que tenha credenciais é mais crível, mas não necessariamente é verdade. Do mesmo modo, uma fala eloquente ou com vocabulário rico não quer dizer nada.

34

Uma má apresentação não torna algo verdadeiro (ou sincero).

Muitas vezes, as notícias falsas usam justamente um acabamento simples para se oporem a fontes confiáveis, como se fossem a voz do povo, ou uma fonte sem apoio. Não caia nessa: apelo popular não quer dizer nada.

Dica: *Com o amplo acesso à tecnologia para gravação e edição, não faltam podcasts e jornais on-line que usam da estética familiar. Qualquer pessoa gritando com uma câmera pode dizer o que pensa e ter a mensagem espalhada. Nenhum dos dois é mais verdadeiro por isso.*

35

Uma anedota não prova nada.

Notícias falsas muitas vezes oferecem exemplos solitários (reais ou não) como indicadores de uma tendência. Esses são acompanhados de algum julgamento, análise ou conclusão, mas lembre-se: um caso não representa uma regra em contexto algum.

Dica: *Se alguém te mostrou uma história solta, tenda a pensar que essa pessoa quer te convencer de alguma coisa, e que, se ela não consegue provar isso de outra maneira, provavelmente não é como ela afirma que é.*

36

É muito fácil mentir com números.

Números podem ser inventados, reinterpretados, comparados com bases ou períodos errados. Gráficos podem ser manipulados, tabelas podem ter partes omitidas... não faltam maneiras, e números sempre trazem a impressão de credibilidade. Cuidado.

Dica: *Porcentagens são um dos jeitos mais fáceis de mentir, exatamente porque elas usam um número relativo, e não algo absoluto, e podem ser facilmente separadas de um contexto que permita a interpretação correta.*
Se um número é um e depois vira dois, o aumento foi de 100%!

37

Não confie em votações on-line (ou sem origem verificável).

Pesquisas de opinião e votações confiáveis utilizam de tecnologia apropriada, bem como metodologias seguras para contabilização. Votações *on-line*, ainda mais as livres, só representam a bolha de usuários que votaram.

Dica: *Se um jornal faz uma votação, ele tem público cativo. Uma enquete em rede social também. Sem falar que é possível chamar pessoas para manipular um resultado. Esses métodos não têm metodologias ou recortes de público confiáveis, nem podem ser verificados por terceiros.*

38

Notícias falsas se apoiam em outras notícias falsas e senso comum.

Ou porque as pessoas acreditam em falsidades anteriores ou de caso pensado para construção de uma sequência narrativa, muitas notícias falsas se ligam, fingindo coerência e credibilidade.

Dica: *Às vezes, basta o "todo mundo sabe que..." antes de uma afirmação qualquer para que ela, exatamente por confirmar algum senso comum, pareça mais crível e sirva como base para outra mentira.*

39
Notícias falsas poluem.

Um dado falso pode ser repetido um número suficiente de vezes para dificultar que o verdadeiro seja encontrado em uma busca, especialmente se a falsidade for popularizada. Isso não o torna, por isso, verdadeiro.

40
Cuidado com as comparações fora de contexto.

Notícias falsas comparam itens que não são equivalentes, e de modo irrelevante. Isso é uma tática de distração, gerando viés negativo ou positivo, ignorando contexto, números, metodologias diferentes, a lógica e o bom senso.

41

Se te pediram para compartilhar, desconfie.

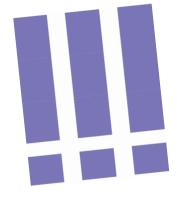
É comum que peçam para compartilhar vídeos e conteúdos em redes sociais, mas com *fake news* isso vem com uma pretensão de militância ou "informação" que só ajuda a espalhar notícias falsas.

Ref.: itens 13, 30 e 31.

Dica: *"Faça chegar no maior número de pessoas" e apelos do tipo geralmente conversam com mentiras sobre a falta de cobertura ou sobre a censura a certo assunto. Não caia nessa.*

42

Apesar da sua pena, pode ser falso.

Muitos mentirosos usam da empatia dos outros para conseguir engajamento em redes sociais. Cuidado com falsas campanhas de arrecadação ou notícias soltas mostrando pessoas sofrendo. Vários só querem sua atenção.

43

Ninguém está contando o número de interações.

Um modelo antigo de notícia falsa é um acompanhamento de interações, compartilhamentos ou comentários em *posts* para gerar algum resultado. Isso é impossível de fazer em muitos casos, ou difícil o suficiente para não ser viável.

Dica: *"Se este post tiver x comentários, essa empresa vai doar...", "Curta se você quer apoiar essa bolsista...", "Se esse site não tiver acesso, vão descontinuar..." Todos esses são apelos emocionais em busca de likes, ou para executar golpes e levar desinformação.*

44

O nome de uma marca ou instituição não torna algo verdadeiro.

É comum que *fake news* utilizem-se de nomes de marcas e instituições para aplicar golpes ou mentir, fingindo ter alguma propriedade na informação. É comum até usarem marcas e brasões para isso.
Ref. item 25.

Dica: *Da mesma maneira como foi dito em relação a instituições e fontes de informação antes, confira sites oficiais, comunicados públicos e outras fontes confiáveis. Se não constar lá, é quase certo que é mentira ou, ao menos, defasado ou descontextualizado.*

45

Acabamento faz diferença.

Especialistas e autoridades não usam e-mails “Gmail”, “Hotmail” ou outros. Mensagens de WhatsApp possuem um acabamento próprio, *sites* famosos também. Muitas vezes, mensagens, imagens e vídeos falsos pecam por errarem detalhes. Desconfie de diferenças.

46

Desconfie do resumo fora de sua especialidade.

Muita divulgação de notícias falsas usa conteúdo de especialidades que a maior parte das pessoas não domina, oferecendo simplificações, resumos e descontextualizações. Cuidado e, na dúvida, procure consensos, não exceções.

Dica: *Mesmo publicações científicas em revistas não garantem que o resultado de um estudo seja real ou feito criteriosamente. Muitas vezes, estudos podem ser tirados de circulação ou colocados em xeque após a publicação (e existem publicações que não são confiáveis).*

47

Se o mundo parece simples demais, desconfie.

Soluções simples, respostas óbvias, verdades secretas reveladas com toda clareza e o bem e o mal definidos com facilidade, com heróis e vilões... Esse tipo de coisa é a base para muitas narrativas de notícias falsas.

48

Por padrão, duvide de tudo que te enviarem.

As pessoas podem ser ignorantes e ser enganadas, mas também podem ser mal-intencionadas. Até mesmo quem você gosta e confia. É saudável questionar tudo sempre, mas WhatsApp e redes sociais devem ser desacreditados por padrão.

49

Na dúvida, não compartilhe.

Se você tiver qualquer dúvida do conteúdo, seja porque não o compreendeu ou porque não tem certeza sobre sua veracidade, não compartilhe. Mesmo avisando que você tem dúvida. Nem todo mundo é criterioso para ouvir sua ressalva.

50

Você não é imune a manipulação, não se ofenda.

Ninguém é imune a ideologia, portanto é um ato louvável reconhecermos nossos vieses e não nos deixarmos render a eles. Podemos fazer isso admitindo quando erramos ou evitando cometer erros como compartilhar notícias falsas.

Checklist de pontuação de confiabilidade para uma notícia

Quer um jeito rápido de entender se o que você recebeu é ou não uma notícia falsa? Claro, não existe solução perfeita para todos os casos, especialmente porque a realidade não é simples e, sem efetivamente ler a notícia ou mensagem recebida, não há como detalhar. De todo modo, a lista a seguir pode fornecer um bom guia e, a partir dela, você conseguirá ao menos duvidar com mais propriedade.

Cada resposta **SIM** adiciona um ponto. Quanto maior a pontuação, maior a confiabilidade. Algumas questões não se aplicam sempre.

A afirmação dada pela notícia poderia ser verdadeira?
Fale com sinceridade.
SIM ( ) NÃO ( )

Se a afirmação dada pela notícia poderia ser verdadeira, você consegue afirmar que ela não é exagerada, minimizada ou distorcida?
SIM ( ) NÃO ( )

Você consegue afirmar que a notícia não foi dada propositalmente para gerar incerteza?
SIM (   ) NÃO (   )

Jogue a informação dada ou a manchete no Google. Essa notícia foi originada ou reproduzida em grandes veículos de imprensa (WhatsApp, redes sociais, blogs e sites desconhecidos não entram nessa categoria) que poderiam ser amplamente identificados e responsabilizados legalmente por reproduzirem notícias falsas?
SIM (   ) NÃO (   )

Você consegue garantir que essa notícia não foi desmentida por sites de verificação de notícias falsas?
SIM (   ) NÃO (   )

Você consegue garantir que essa notícia não foi enviada puramente porque alguém (ou um grupo) se beneficiaria com a divulgação dela?
SIM (   ) NÃO (   )

Você consegue garantir que essa notícia não está sendo reproduzida exclusivamente por canais com viés óbvio e não confiáveis? Isso inclui sites de fofoca, ou unicamente em posts de redes sociais e mensagens de aplicativos como o WhatsApp.
SIM (   ) NÃO (   )

Você consegue verificar que essa notícia não é um artigo de opinião, uma análise ou uma interpretação, mas sim uma apresentação noticiosa de fatos, na medida do possível?
SIM (   ) NÃO (   )

Você consegue garantir que essa notícia não é um resumo ou uma citação que simplifica excessivamente a verdade dos fatos e que não omite informações relevantes?
SIM (   ) NÃO (   )

Essa notícia possui fonte primária verificável? Rumores ou informações de fontes anônimas, por definição, não são verificáveis independentemente.
SIM (   ) NÃO (   )

Essa notícia possui autoria publicamente identificada?
SIM (   ) NÃO (   )

Você consegue garantir que essa notícia não foi publicada de modo a gerar urgência de leitura ou fingir exclusividade de divulgação?
SIM (   ) NÃO (   )

Essa notícia possui alguma foto, vídeo ou documento que apoie as informações compartilhadas com segurança e confiabilidade?
SIM (   ) NÃO (   )

Essa notícia é realmente atual ou seu material se refere propriamente ao período compartilhado?
SIM (   ) NÃO (   )

Você consegue ter certeza de que essa notícia não está fora de contexto nem possui material/dados fora de contexto?
SIM (   ) NÃO (   )

Você consegue garantir que a informação que está disponível é completa?
SIM (   ) NÃO (   )

Você consegue verificar se todas as pessoas citadas são reais e realmente ocupam os cargos/posições citados? Alternativamente, você consegue verificar se órgãos, locais e eventos citados são reais?
SIM (   ) NÃO (   )

Se há pessoas/órgãos/empresas reais citados, você consegue confirmar que eles fizeram o que a notícia afirma que eles fizeram, por exemplo, através de uma fonte primária que fale por eles?
SIM (   ) NÃO (   )

Se há pessoas/órgãos/empresas reais citados, e você confirmou que realmente fizeram a afirmação indicada na notícia, o que disseram é verdade, validado por fontes confiáveis/especialistas/testemunhas?
SIM (   ) NÃO (   )

Se há pessoas/órgãos/empresas reais citados, eles afirmaram alguma coisa, você confirmou o que eles disseram, o que disseram é verdade, e a informação foi validada, você consegue confirmar que o que a manchete e a descrição da notícia dizem corresponde com o que eles disseram?
SIM (   ) NÃO (   )

Você consegue confirmar que você entende totalmente o que é afirmado nessa notícia, em vez do que ela quer que você entenda?
SIM (   ) NÃO (   )

Você consegue verificar se essa notícia não tem qualquer tendenciamento óbvio (torcida política direta ou indireta, uso de teorias de conspiração notórias, xingamento deliberado ou disfarçado de inimigos/concorrentes, novilíngua, linguagem manipuladora/enviesada/combativa etc.)?
SIM (   ) NÃO (   )

Você consegue ter certeza de que essa notícia não foi construída ou enviada de modo a propositalmente causar uma reação emocional em quem a receber?
SIM (   ) NÃO (   )

Você consegue garantir que essa notícia não foi construída ou enviada de modo a causar ódio e até reações violentas naqueles que a receberam?
SIM (   ) NÃO (   )

Você consegue garantir que essa notícia não é um boato?
SIM (   ) NÃO (   )

Você consegue garantir que essa notícia não é uma anedota utilizada para afirmar alguma outra ideia expressa ou não por ela?
SIM (   ) NÃO (   )

Você consegue garantir que números ou afirmações técnicas dados por essa notícia não estão sem referenciais úteis?
SIM (   ) NÃO (   )

Você consegue garantir que essa notícia não usa de um senso de urgência para afetar seus leitores?
SIM (   ) NÃO (   )

Você consegue garantir que essa notícia chegou em você por uma pessoa que não é notoriamente enviesada, ingênua ou desonesta?
SIM (   ) NÃO (   )

Você consegue garantir que o que é afirmado de técnico e especializado é consenso entre a categoria que detém conhecimento sobre o assunto apresentado?
SIM (   ) NÃO (   )

(Este material também está disponível em formato separado para impressão ou uso digital no Linktree do projeto, em **https://linktr.ee/pequenoguiadesobrevivencia**.)

Parte 2:
Ódio on-line

Introdução: *o ódio que a Internet conecta*

Provavelmente nunca existiu algum momento da história em que algumas pessoas não odiassem as outras. Há quem diga que a Internet intensificou isso, e há outros que dizem que estamos na mesma escala de sempre, mas, seja como for, algo é indiscutível: a Internet conectou o ódio, tanto entre os que compartilham das mesmas posições quanto entre os que odeiam e seus alvos.

Eu não espero, aqui, explicar as origens, nem propor necessariamente uma cura para o ódio *on*-

-*line*. Em vez disso, eu espero conseguir descrever de modo geral o funcionamento desse mecanismo e de outros correlatos, permitindo identificá-lo quando ele surge em suas diferentes formas. Como em notícias falsas — e, sim, os dois estão intrinsecamente interligados —, o discurso de ódio em suas diversas formas se mantém exatamente por naturalização, e porque ele apela a expectativas das pessoas, por vezes através de preconceitos e vieses, por outras porque o posicionamento é feito de modo a parecer racional, viável e correto.

A lista de características e dicas a seguir busca ajudar todos a identificarem os truques, não caírem neles, evitarem que outros caiam e, na medida do possível, darem uma base para questionar aqueles que os utilizam. Enquanto a parte 1 desta obra focou em aspectos mais claros, muitas vezes o que ocorre aqui é mais subjetivo, sutil e se refere a um nível específico de discurso, portanto, na prática, é útil entender as duas coisas.

Obviamente, em muitos casos dos itens abaixo, uma característica só não é determinante de um discurso de ódio. Bom senso, contexto e honestidade devem fazer parte da sua interpretação. Vale também lembrar que os pontos a seguir são apenas aproximações para facilitar a compreensão de estratégias que nem sempre são

conscientes por aqueles que as utilizam ou que consomem conteúdo do tipo.

E lembre-se, novamente: você não é imune a manipulação, tampouco a (re)produzir conteúdo de ódio.

70 características do ódio *on-line*

Talvez você note que algumas características aqui estão alinhadas, até em terminologia, com a obra "O fascismo eterno", de Umberto Eco. Isso não é coincidência: não só essa obra inspirou muito do que está sendo dito aqui, como vários movimentos de ódio, ainda que não de fundamentação/inspiração diretamente fascista, compartilham com o fascismo características que foram adaptadas para o mundo *on-line*. A lista aqui é maior exatamente porque o foco é descrever tanto as ideias quanto o formato, com peculiaridades próprias.

É possível que você também note que há algumas características e dicas expostas na primeira parte deste livro que surgem aqui novamente de outras formas. Isso também não é coincidência: como já deve estar bem claro, manifestações de ódio na Internet amplamente usam *fake news* ou se baseiam nelas.

Deixo o lembrete de moderação, de não cair na tentação de usar rótulos prontos para denominar indivíduos ou grupos. Pessoas são complexas, bem como o ódio *on-line*. Se cito o fascismo acima, é como uma referência de discursos de ódio, assim como eu poderia citar nazistas, supremacistas e intolerantes de diversas naturezas.

Também vale lembrar que, por vezes, esses grupos se identificam de tais formas, ou se identificam com eles, de modo que nem sempre o rótulo é errado. Muitas vezes, o fascista *on-line* literalmente está citando Mussolini e usando da retórica e da simbologia do movimento, do mesmo jeito que diversos nazistas fazem. Nós estamos em um período em que muitas vezes não há mais o disfarce.

Mais do que isso, parafraseando o ditado popular: se fala como, comporta-se como, usa as mesmas abordagens e assuntos que, e usa os símbolos de um ou mais grupos de ódio, é difícil dizer que não é parte de um.

1 Ódio

Ainda que óbvio, é preciso deixar claro: conteúdo de ódio tem como objetivo trazer esse sentimento em quem é alcançado por ele, seja direta ou indiretamente. Ele nem sempre é direto nessa construção, mas o caminho e o fim são sempre esses.

2 Medo

É fácil ir do medo para o ódio. Por isso, usa-se tanto a retórica de ameaça para difundi-lo: tudo está sob ameaça, seus costumes, sua família, seu estilo de vida, seu dinheiro, seu corpo, sua vida. O inimigo da vez é quem ameaça e, portanto, a solução é combatê-lo.

3

Culto à tradição

Muitos discursos de ódio usam apelos conservadores. Isso pode ser aplicado ao sentido mais comum do termo, sobre costumes e política, como também a sentidos específicos. Muitas vezes, usa-se o pretexto de uma tradição mais recente como base para odiar.

Dica: *A "tradição" trabalhada pelo ódio sempre é vaga. A ideia de um retorno "às origens" é apenas às origens que desejam tratar como tais. O que vem antes, convenientemente, é ignorado, com um critério subjetivo tratado como se fosse objetivo.*

4

Culto à pureza

Similar ao culto à tradição, por vezes o discurso de ódio apela a ideias de pureza e de rejeição a deturpações. Isso usa tanto ideais, filosofias e noções de originalidade, quanto apelos controladores de comportamento, racistas e segregadores em outros sentidos.

Dica: *O discurso de ódio trabalha uma lógica própria do que é "tradição", "pureza", "impureza", "deturpação", "pecado", entre diversos outros termos. Se parecer que isso é algo criado para a conveniência de quem a usa para justificar seus ataques e crenças, é porque realmente é.*

5

Moralismo

É comum que discursos de ódio se baseiem em noções de moral, argumentando que odeiam o que tratam como imoral, sejam atos, pessoas ou ideias. Isso supõe licença para ataques (“combater o mal”), e a pretensão de que, fingindo-se morais, se posicionem como certos.

Dica: *É comum, exatamente pelo moralismo, que o discurso de ódio se baseie em uma religião e tente, a partir dela, ter justificativas para perseguir os outros. Convenientemente, qualquer ensinamento passa a ser reinterpretado ou distorcido para permitir o que desejam usar.*

6

Recusa da modernidade

Como o ódio se liga a noções de tradição, é comum que rejeite a modernidade e mudanças. O conceito é flexível, mas comumente caracterizam-se alterações comportamentais e sociais como deturpações de modelos clássicos, justificando uma ação contrária.

Dica: *O slogan "rejeite a modernidade, abrace a tradição", comumente usado on-line por conservadores e tradicionalistas, ocasionalmente com estética do fascismo, é um exemplo comum dessa ideia. Hoje, ele furou a bolha e é adotado, muitas vezes como piada, por outras pessoas.*

7

Criação de inimigos

Mesmo que mire em ideias, o ódio necessita da encarnação delas para se organizar. A outra pessoa, grupo ou instituição é culpada pela insatisfação que está no cerne de seu discurso. O jeito de combater a ideia é combatendo algo físico.

8

Nacionalismo e identitarismo

Do mesmo modo que o ódio tem “os outros”, ele necessita ter “nós”. É comum que se use, assim, uma identidade nacional, regional, racial ou demográfica em outro sentido. Ela só precisa fazer sentido fora da lógica interna em que opera.

***Dica:** É comum, em suas contradições constantes, que, ao mesmo tempo que clamem por noções de identidade, pureza e unidade, grupos de ódio acusem seus alvos de serem adeptos de ideias identitaristas.*

9

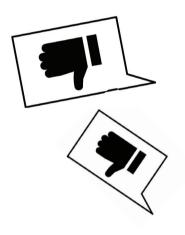
Subjetividade identitária

Grupos de ódio em geral se organizam em torno de noções de identidade e parâmetros específicos de adesão. Frente à necessidade de controle e submissão dos membros, porém, a identidade se torna subjetiva. O "puro" e "verdadeiro" varia por conveniência.

10
Humilhação e superioridade

Para um grupo de ódio, o inimigo é sempre forte demais e fraco demais. Está em todo lugar e tudo domina, mas não aguenta o combate físico ou verbal. Ele ameaça a identidade e a integridade do grupo e dos que as protegem, porém sempre é vencido.

Dica: *Um grupo de ódio, em média, por mais que se valha de dados, acaba incapaz de reconhecer uma fraqueza real de quem se opõe, justamente por focar desse modo contraditório. É comum que, confrontado, acabe por admitir que seus atos são motivados e justificados apenas por ódio.*

11

Elitismo

O ódio se identifica como superior e correto o tempo todo, e a mera adesão aos seus ideais já é o bastante para que membros sintam que são superiores. Os que não concordam com ele são desonestos, ignorantes ou enganados, e são desprezados por isso.

12
Hierarquização

Comunidades de ódio muitas vezes são focadas em noções hierárquicas ideológicas, em menor ou maior grau. Sugerem-se relações de dominação, submissão e categorização a partir disso, tanto dentro da comunidade quanto na relação dos indivíduos com o mundo.

Dica: *É fácil identificar certas comunidades de ódio exatamente pela nomenclatura ligada ao modo como se identificam, como identificam seus semelhantes, opositores/inimigos, alvos e mais. Atente-se a isso.*

13

Categorização

Retóricas de ódio têm visões de valor por tipo de pessoa com base em características (nacionalidade, genética, cor de pele, gênero etc.), adoções filosóficas ou tipo de atividade. Essas visões facilitam a generalização positiva ou negativa das pessoas.

14
Novilíngua

O ódio usa um vocabulário próprio, gírias ou alteração de significado de termos correntes. Além de transmitir significados discretos, a alteração de linguagem identifica a adesão ao grupo e dificulta a identificação por quem está de fora.

Dica: *Na generalização, o ódio muitas vezes expande terminologias até perderem o sentido, atribuindo tais expressões para qualquer opositor. É comum que os termos de ódio favoritos, nessa lógica, passem a ser usados como xingamentos vagos, mesmo que originalmente não o fossem.*

15
Simbologia própria

Além da adoção de símbolos políticos e sociais antigos, e da recontextualização de outros, grupos de ódio criam imagens próprias e, claro, memes. Estes também são identificadores e facilitadores de transmissão de mensagens de ódio. **Ref.: item 55.**

Dica: *A utilização de memes como meios de divulgação de mensagens de ódio facilita, para esses grupos, a penetração de mensagens extremistas em ambientes sem a presença de seus aderentes, e serve como ponta de lança para normalização de seus discursos.*

16
Obsessão com "pureza" linguística

Ao mesmo tempo que altera a linguagem, o elitismo do ódio tende a perseguir usos da língua de que discorda, usando noções de pureza linguística para perseguir os que fogem da norma por erro, gíria, ou qualquer pretexto que encontrarem.

***Dica:** Adeptos de discursos de ódio comumente são prescritivistas linguísticos que tentam igualar o uso correto da língua à capacidade mental e à validade de argumentos de quem fala. Se alguém que não "fala bonito" concorda com eles, geralmente ligam menos para erros.*

17

Obsessão com "pureza" cultural

Alinhando-se com noções de pureza e tradicionalismo, grupos de ódio perseguem manifestações culturais e artísticas que consideram "menores" e "inadequadas". É comum tentarem usar a arte de um povo/momento histórico como prova de superioridade.

18

Obsessão com estética

O ódio abraça noções específicas de estética, julgando moralmente inferior aquilo que não se iguala. Isso é amplo, mas é comum envolver pessoas, incluindo etnias, e também escolhas de estilo e vestimenta, bem como noções rígidas de gênero.

Dica: *É comum que grupos de ódio se foquem em elogios e xingamentos com base em aparência. Como estética é, para eles, ponto de comparação de superioridade, mostrar o inimigo como feio é equivalente a identificá-lo como ruim.*

19
Necessidade de insulto

Em sua postura combativa, o ódio constantemente precisa xingar ao menos um alvo e tudo que o representa. É comum, ainda, que o identificador principal do inimigo (ou uma deturpação) se torne um xingamento nos lábios do ódio.

Dica: *É geralmente fácil de entender quem é o alvo principal de um grupo de ódio pelos seus xingamentos de preferência, bem como pelas particularidades que destacam quando xingam seus inimigos. Qualquer tendência observada não é coincidência.*

20

Obsessão com sexo

Direta ou indiretamente, o ódio sempre se preocupará demasiadamente com sexo, e isso é uma das principais frentes para crítica de inimigos e prova do próprio valor. Comumente machistas, grupos de ódio também tendem a ser obcecados com potência sexual.

Dica: *Em discursos de ódio, mulheres são tratadas ou como promíscuas ou como indesejáveis. Homens são tratados como indesejáveis, traídos ou afeminados/emasculados. Pessoas LGBTQIAP+ são tratadas como aberrantes, pedófilas ou promíscuas. Os padrões são fáceis de notar.*

21

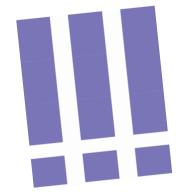
Perseguição sexual

O ódio, em sua preocupação com sexo, tende a perseguir qualquer manifestação sexual que considere diferente da sua, ou aberrante em critérios próprios. Comumente, utiliza-se religião para essa base, mas ela é só mais um de um arsenal de pretextos.

Dica: *Alguns termos que comumente são usados tanto para críticas sexuais quanto para críticas de pureza diversas incluem "impuro(a)", "degenerado(a)", "depravado(a)". Considere que a maioria de quem argumenta em termos de "degeneração moral" tende a ser adepto a teorias de ódio.*

22

Pretexto de proteção do futuro

O ódio com frequência utiliza um vocabulário de continuidade, e age como se suas manifestações e ataques fossem feitos para proteger a própria existência da humanidade, da cultura e da bondade (que igualam, naturalmente, com seus valores).

23
Fixação com crianças

É comum que o ódio se utilize de crianças como pretexto para agir, geralmente colocando-as como ameaçadas pela própria existência ou por qualquer ação do inimigo. Isso vai desde influências e doutrinação até a ideia de ataques diretos.

Dica: *Claro que é importante defendermos as crianças, mas, exatamente porque temos essa preocupação como consenso, o ódio se aproveita para manipular opiniões com apelos como "as crianças não vão entender", "pensem nas crianças", "estão ameaçando o futuro das crianças" etc.*

24

Fixação com família

O ódio sempre argumenta em termos de família, distorcendo a narrativa contra o inimigo para que essa pareça sempre ameaçada. O argumento nunca é claro, mas se não puder amarrar à sexualidade, usará outro pretexto para acusar deterioração.

Dica: *O ódio geralmente é contra qualquer formação de família fora de uma noção “tradicional”. Ao mesmo tempo, ele sempre terá o amenizador para problemas ou a autovalorização na imagem do “pai de família”, e indicará desvalorização na ausência desse.*

25
Legalismo seletivo

O ódio, quando conveniente, fará o possível para defender a lei e acusar seus alvos de serem criminosos. Ao mesmo tempo, qualquer punição legal feita para seus aderentes será vista como injusta e excessiva, ou como censura.

Dica: *Somando a fixação com sexo, crianças, família e o legalismo seletivo, é comum que o ódio tente associar seus inimigos à pedofilia. Essa é a meta máxima da maioria dos discursos de perseguição, pela concordância ampla da gravidade do crime de abuso de menores.*

26
Distorção e normalização

O ódio trabalha para definir o objeto de ódio como anormal e sua própria posição como a normal. Ele tratará seu comportamento como óbvio e aceitável e insistirá que é o padrão universal ou ideal. É um modo de tentar impedir questionamentos.

27
Culto ao heroísmo

O ódio ama mártires e incentiva, direta ou indiretamente, a se tornarem mártires os que participam dele. Matar ou morrer é a regra, ressaltando sempre que, na briga de “nós” contra “eles”, os aderentes ao ódio é que terão que lutar, se necessário até a morte.

28
Culto ao chefe

O ódio geralmente escolhe um herói que representará os valores e ações do movimento, e se tornará a régua de comparação para os participantes, bem como para outros líderes. Tudo que ele fala passa a ser reproduzido e reinterpretado da maneira mais conveniente.

Dica: *O líder não precisa ser infalível nem perfeito. Em seu papel representativo, tudo que ele faz é sempre maior, e qualquer coisa que acontecer contra ele é um insulto a todos os aderentes. É comum que o líder seja tratado como um sofredor, um injustiçado e perseguido.*

29
Necessidade de elogio

O ódio, enquanto xinga o alvo, precisa de autoafirmação constante. O objeto de adoração principal é o líder, mas a própria identidade do grupo e tudo que o representa também são elogiados. A falta de elogio (ou a baixa frequência) é vista com suspeita.

30
Impossibilidade de crítica

O ódio iguala crítica e qualquer característica negativa ao inimigo, então não admite crítica, mesmo de seus apoiadores e aliados. Em sua visão, como é impossível ser criticado, a crítica é indicação de filiação ao inimigo ou de desonestidade.

31 Rejeição à imprensa e a educadores

É comum que o ódio combata a mídia e figuras disseminadoras de informações, por serem fontes de questionamento. Mesmo quando elas não se posicionam contra ele, continuam como alvos por não serem fontes de elogio ou reforço de ponto de vista.

Dica: *É comum que grupos de ódio incentivem o descrédito e a violência contra a imprensa e contra professores, e qualquer foco de discordância de outras pessoas é atribuído a supostas desinformações "doutrinadoras" dadas por esses. É daí que nascem canais "alternativos".*

32
Obsessão com ordem

O ódio vende sua visão de mundo como garantidora de ordem. Assim, qualquer desordem é atribuída, direta ou indiretamente, ao inimigo/alvo, que é tido como a causa do mal. Qualquer ação para "manter a ordem", mesmo violenta, se torna justificada.

Dica: *É comum que grupos de ódio se identifiquem com forças armadas, se não em estética e comportamento, literalmente com tentativas de aproximação. A possibilidade legalizada de agredir e matar é de extremo interesse para grupos de ódio.*

33

Racismo, homofobia e outras desgraças

Com manias e questões de poder peculiares, é comum que grupos de ódio agreguem comportamentos segregatórios. Mulheres, pessoas LGBTQIAP+, racializadas e com deficiência ou neurodivergência são alguns dos odiados, direta ou indiretamente.

Dica: *É comum que o ódio se disfarce através de oposição a grupos que lutam pelos direitos dos alvos. Inclusive, usando tais grupos como alavanca. Exemplo: misóginos que atacam feministas e tentam colocá-las como prejudiciais aos interesses das mulheres como um todo.*

34
Monotema

Indivíduos e grupos que sustentam discursos de ódio constantemente mantêm retóricas que reforçam suas próprias visões de mundo, inserindo o aspecto combativo, segregatório ou persecutório mesmo em interações e assuntos sem relação.

***Dica:** É fácil identificar um criador ou replicador de ódio exatamente pela desconexão que sua fala tem de outras pessoas médias. Essa estratégia muitas vezes é usada de modo consciente por eles para doutrinação, mas, dada a normalização, pode ocorrer sem esforço específico.*

35
Generalização

Quando algo é complexo, é mais difícil de odiar. Por isso, o ódio se organiza em torno de generalizações, simplificando a realidade e o combate. Isso dá a volta: com tempo suficiente, qualquer um que não concorda com ele é automaticamente generalizado.

Dica: *O discurso médio de ódio não é aceito por estar certo, mas por ser fácil de entender e por apoiar as percepções e preconceitos das pessoas. Como a realidade é complexa e contradiz generalizações e simplificações, ela é facilmente falsificada.*

36
Populismo qualitativo

O ódio se diz representativo do povo, se não em maior número, qualitativamente superior. O que ele exprime é vendido como o mais válido, mais representativo e correto. Quem diverge não é verdadeiramente parte do povo, ou não fala em seus interesses.

Dica: *É comum que o grupo de ódio tente assumir a posição do país, de um grupo étnico inteiro, de uma religião inteira ou, em alguns casos, até mesmo de um grupo de países ou do mundo. É também por esse motivo que o nacionalismo é fácil de agregar a discursos de ódio.*

37

Ação pela ação

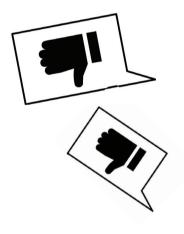
O ódio é impulsivo, e inimigo da intelectualidade. Ele valoriza a ação imediata e sem raciocínio. Ele sempre preferirá a explicação mais simples e, no caso de pensamento e estudo, tudo reforçará o caminho de ação direta e suas impressões iniciais.

38

Combatividade extremada

O ódio está em luta constante, em uma guerra contra seus inimigos e tudo que eles representam, não encontrando sossego nem em seus momentos de relaxamento. A guerra que ele luta é eterna, constante e sem descanso.

Dica: *Até mesmo o lazer e o humor do ódio são sobre o alvo. Não necessariamente sobre sua própria filosofia, mas no modo como constantemente pensa na batalha. Isso é fácil de observar no uso de memes e na dedicação de perfis de ódio na Internet.*

39 Frustração

Notoriamente, adeptos de discursos de ódio, se não estão descontando suas frustrações em outros e em uma noção de luta, se frustram porque constantemente sonham com uma “batalha final” que jamais chegará. A paz não é uma opção, então a guerra é permanente.

40
Culto à dor

O ódio acredita que o mundo é de dor, e faz o possível para que ele continue assim. É pela dor que se aprende e se ensina, sem exceção. Ações para removê-la ou reduzi-la são vistas como fraqueza, e ela é comemorada quando ocorre com o alvo ou com quem o contradiz.

41
Amor à violência

O ódio ama vídeos, fotos e textos valorizando, comemorando e até incentivando a violência e a morte, em especial de inimigos, e também como meio de demonstrar o que o inimigo faz e, portanto, por que e como deve ser combatido.

42
Desejo por desgraça

O mundo do ódio é de dor. Ele adora catástrofes, porque são a oportunidade de validar suas teses, já que tudo que acontece é colocado como culpa do alvo ou de suas ações, ou da ausência do que o grupo de ódio propõe.

Dica: *Aderentes a discursos de ódio adoram compartilhar cenas de violência, desgraças humanitárias, brigas e lutas, porque elas não apenas exemplificam os medos que pregam e as soluções propostas, como são anedotas para justificar e recrutar para sua visão de mundo.*

43
Desejo por vingança

O ódio constantemente deseja se vingar de insultos e derrotas passadas, e vai manter vivo o rancor enquanto puder. Dessa forma, sua motivação constantemente envolve meios de "devolver na mesma moeda", mesmo que não seja proporcional ou real.

Dica: *Em geral, a "vingança" é vendida como justificada por ser a resposta a uma ofensa ou agressão passada ("olho por olho"), ignorando que essa se deu a partir de uma defesa contra uma ação do ódio (ou daqueles admirados por ele), ou de um ataque em resposta a outra ofensiva.*

44
Messianismo

As imagens do líder, da meta e do grupo, no ódio, são correlacionadas, embasadas ou justificadas por uma noção espiritual, ou ao menos uma retórica nesse nível. A guerra é santa, o líder é um messias (ou mártir, se for o caso), o inimigo é diabólico etc.

Dica: *Ainda que a ligação com religião muitas vezes seja óbvia, em alguns casos, a retórica messiânica tem roupagem filosófica. O líder não precisa ser santo, mas pode ser um exemplo "perfeito". A conduta dos membros do ódio não é espiritual, mas pode ser um ideal superior etc.*

45 Conspiracionismo

O ódio buscará explicações sem correlação factual para suas ações e para as ações do mundo. Como não há justificativas factuais suficientes para sustentar suas posições, o conspiracionismo trabalha ligações secretas, fontes desconhecidas, magia e sobrenatural.

Dica: *Em média, como teorias de conspiração geralmente envolvem figuras ou fatos reais ao menos em algum ponto, e o crivo de realismo e provas é baixo, qualquer tentativa de desmistificar o ocorrido será inútil e será usada como prova da existência da conspiração.*

46
Evasão e vitimismo

Pela contradição do inimigo ser fácil e difícil de vencer, e pela pretensão de moralismo e de representação do povo, ao sofrer uma resposta, o ódio geralmente tenta fugir para uma posição de vítima, ignorando ações passadas e colocando-se como injustiçado.

Dica: *O que o ódio mais gosta é de pessoas inofensivas, comuns e supostamente bem-intencionadas que concordem com ele. Idosos, crianças, "trabalhadores honestos" e "pais de família", porque isso se torna "prova" da virtude do movimento.*

47

Recrutamento do alvo

Quando pode, o ódio apresenta indivíduos que são parte do alvo como aderentes à sua filosofia como prova de que está certo. “Se até eles concordam comigo, estou falando a verdade.” Similarmente, qualquer fala do alvo fora de contexto pode ser usada assim.

***Dica:** Aderentes do ódio que são parte do alvo podem ocorrer com aparente sinceridade. Normalmente, essas pessoas acabam com adesões panfletárias e narrativas de “conversão”, de terem “informações internas exclusivas”, mas de todo modo seguem sendo experiências anedóticas.*

48 Memória seletiva

O ódio propositalmente esquecerá do que cometeu no passado que não for conveniente, especialmente se servir como meio de desmentir o que afirma. A necessidade de reafirmação constante ajuda, porque, quando algo é desmentido, já há uma mentira nova.

Dica: *Para entender a memória seletiva, basta observar como perfis de ódio, especialmente conspiracionistas, ainda que trabalhem conceitos temáticos amplos, em uma análise histórica, acabam por divulgar incontáveis boatos que não se realizam, bem como "fatos" que se contradizem.*

49
Memória distorcida

O ódio lembra apenas o que deseja, e do modo que deseja. Se a realidade não se liga ao ideal que o ódio almeja, ele usará de toda oportunidade que tiver para revisionismo histórico, e abraçará qualquer tentativa de formalização dele.

Dica: *O ódio abraça certas obras e produz novas que se tornam referência para a realidade paralela que utiliza, tanto para reinterpretar a história e justificar suas próprias ações, como para confundir, dificultar a localização ou atacar a credibilidade de registros confiáveis.*

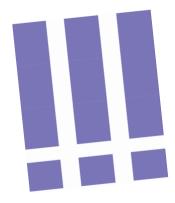
50
Falso racionalismo

O ódio sempre tentará ter justificativa para tudo que prega, e incontáveis anedotas que explicam por que devem desprezar e combater os seus alvos. Por se tratar de um posicionamento emocional, argumentos não funcionam, porque a racionalidade é falsa.

***Dica:** Em sua emoção, o ódio geralmente finge que quem é emocional ou antirracional é o alvo, chegando a utilizar dados parciais, distorções de conhecimento científico e pesquisas enviesadas para fingir que estão com a razão mesmo frente a fatos indiscutíveis.*

51

Amor por slogans

O ódio ama *slogans*, frases de ordem, apelidos compartilhados e argumentos prontos. Tal estratégia, comum para outros campos de atuação humana, aqui encontra sua representação mais intensa, se tornando resumos de ideologias de vida para os participantes.

52 **Performance identitária**

Ao identificar certos comportamentos e características como intrínsecas a certas identidades, o ódio persegue até mais os próprios membros, bem como recrutas em potencial, se enxergar que eles não correspondem à performance esperada.

***Dica:** Quanto mais focado em elementos de pureza e identidade for um grupo, pior para seus próprios membros, que sabem que não podem vacilar na performance. Eles se tornam, por isso, conspícuos como aderentes à filosofia em questão, mesmo que não se identifiquem abertamente.*

53
Falso amor

Muitas vezes, discursos de ódio se baseiam em pretextos positivos e até amorosos, seja na formação e proteção de um grupo em oposição a um inimigo comum, ou na justificativa de que suas ações têm fins benéficos e bem-intencionados.

Dica: *A retórica religiosa é comumente apropriada por grupos de ódio, mesmo apresentando contradições com elementos religiosos da doutrina escolhida. É fácil identificar quando isso ocorre, não apenas por contradizer, mas pelo aspecto seletivo da justificativa para o ódio.*

54
Fixação com imparcialidade

O ódio é parcial, fixado em apontar que os outros são parciais, e em cobrar deles imparcialidade. Ele se baseia em idealizações (ou desonestidades), cobrando tratamento idêntico para situações desiguais e, na impossibilidade, usando isso para ataque.

Dica: *Parcialidade, em si, não é um problema. Todos somos parciais em algum nível. O problema é que o que é entendido como parcialidade, muitas vezes, não é, e o próprio ódio tenta se posicionar como imparcial, em sua falsa posição de racionalismo.*

55
Disfarce

Grupos de ódio sabem que suas posições não são bem-vindas, ao mesmo tempo que fingem que são o padrão. Eles tentarão ao máximo parecer comuns e aceitáveis. Em alguns casos, além da novilíngua servir como elemento identitário, também serve para fugirem de detecção.

Dica: *Os famosos "apitos de cachorro" entram aqui, com mensagens que só são entendidas pelos aderentes ao discurso de ódio em questão. Por vezes, na Internet, também usam grafias com letras alteradas para fugir de sistemas das redes e divulgarem suas ideias mais livremente.*

56
Censura relativa

O ódio frequentemente é adepto de posicionamentos políticos censuradores, mas é paralelamente obcecado por uma ideia de liberdade de expressão absoluta, que representa a possibilidade de dizer o que quer sem consequências, mesmo atacando e perseguindo o alvo.

Dica: *É fácil observar que o argumento contra censura é falso, uma vez que sempre existem assuntos (com ou sem contextos específicos) que o ódio persegue. Naturalmente, esses assuntos sempre refletem tudo que o ódio costuma perseguir.*

57
Obsessão por debates

Grupos de ódio tentam inserir suas retóricas em todos os ambientes que puderem. É comum que tentem normalizar suas posições colocando-as como pontos válidos para debate, questionando o respeito básico ou mesmo a existência de outras pessoas.

Dica: *O “debate”, muitas vezes, é uma estratégia de performance retórica, não de busca da verdade. Nele, supõe-se que os méritos debatidos são passíveis de discussão e, portanto, válidos. Não permita abertura para posições que não respeitam a humanidade ou mesmo a realidade.*

58
Obsessão por hipocrisia

Discursos de ódio frequentemente buscam enfraquecer a imagem de um inimigo apontando hipocrisias. Porém, no geral, isso serve apenas para distrair do ponto levantado pelo opositor, e geralmente simplifica ou descontextualiza o que é dito.

Dica: *É uma estratégia comum de discursos de ódio tentar distrair o ponto principal da discussão em questão com frases do tipo "por que falar de x, mas não falar de y?" Não dê espaço para esse tipo de argumentação.*

59
Hipocrisia

Apesar de obcecado por hipocrisia, o discurso de ódio geralmente é intrinsecamente hipócrita. Sua orientação baseada em ataques invariavelmente faz com que a própria fala de cada momento contradiga afirmações anteriores (e ignore estrategicamente que o fez).

60
Sensacionalismo

O ódio busca alto engajamento em seu conteúdo, com abordagens inflamatórias que servem para ajudar a transmitir suas mensagens para um público maior, bem como recrutar novos membros ao próprio grupo. “Gerar discussão” vira desculpa para divulgação.

Reversão de defesa

O ódio, em sua abordagem, buscará nunca ficar na defensiva e, ao mesmo tempo, sempre focará em fazer com que qualquer opositor fique nessa posição. Ataques são de consumo mais rápido que defesas, que levam mais tempo e explicações.

Dica: *É comum que se façam declarações absurdas apenas para gerar distração sobre um tópico específico (ou até gratuitamente para gerar revolta contra um alvo). A base do ódio é mobilizada, a oposição tenta em vão desmentir, e a "cortina de fumaça" acaba sendo efetiva.*

62
Lógica profética

Alinhando-se às conspirações, à simbologia religiosa e ao messianismo, o ódio frequentemente se baseia em prazos secretos, com justificativas místicas ou baseadas em supostos planos secretos. Esse é um meio de gerar expectativa e agitar bases para que atuem.

Dica: *Na busca frequente por símbolos, datas usadas nesse contexto podem incluir um fundo religioso, histórico ou social, conforme interesses do grupo. É comum, por exemplo, que grupos de ódio violentos comemorem ou rememorem datas de ataques em escolas.*

63
Revolução de ocasião

Ao mesmo tempo que afirmará que é posição de uma maioria e do correto, óbvio e tradicional, o ódio também tenta cooptar linguagem, estética e conceitos revolucionários, enquanto despreza qualquer outro uso da mesma lógica.

Dica: *"Desobediência civil", "revolução", "luta contra o poder" e outros termos ganham aplicações específicas na linguagem de ódio, e só são usados quando for conveniente. Tudo isso deriva da imagem de eterna guerra e da necessidade de fingir que o inimigo tem poder maior.*

64
Falsa equivalência

Seja em sua fixação com hipocrisia ou como pretexto para fazer ataques enquanto finge estar certo, o ódio sempre usa falsa equivalência, ignorando contexto e lógica. Para ele, isso valida seus ataques e cria sempre o pretexto para o inimigo estar errado.

Dica: *Feminismo não é machismo em versão feminina. "Orgulho branco" tem um significado bem específico, e "orgulho LGBTQIAP+" tem outro completamente diferente. Usar religião para atacar alguém e reclamar contra esse uso não são equivalentes. O ódio fingirá que tudo isso é igual.*

65
Alternância de abordagem

O ódio pode ser ativo ou passivo: apesar de muito do conteúdo ser compartilhado em redes próprias, em muitos casos, é através de comentários, mensagens diretas e outras formas ativas que ele atua, seja disseminando suas filosofias ou perseguindo alvos.

Dica: *Pessoas civilizadas não veem necessidade de mandar mensagens para as outras para falar que elas, por exemplo, são subumanas ou que não deveriam existir. Adeptos de filosofias de ódio, porém, vivem na posição de guerra eterna, e entendem isso como parte de uma batalha.*

Cobrança de virtude

Fingindo ser virtuoso, o ódio justifica sua perseguição por suposta falta de virtude do alvo. O critério, com ou sem embasamento, é subjetivo e, sem dúvida, um pretexto. Se o alvo é tratado como virtuoso, o ódio tentará derrubar essa imagem.

Dica: *Um dos motivos para ligação religiosa com o ódio é por conta da ligação legalista e do apelo à autoridade: usando um livro sagrado, suas interpretações ou o que disse um sacerdote, é fácil embasar a atitude e colocá-la como superior e mais correta do que o que é humano.*

67

Desvio de foco

Uma estratégia comum do ódio é o desvio de foco: ao ser confrontado com algo desconfortável, para evitar a defensiva, ele buscará apontar algo equivalente, ou maior, ou sem relação do acusador ou de algum outro alvo conveniente. **Ref.: item 50.**

Dica: *Não tente convencer quem é claramente movido por ódio. Qualquer argumento que for usado será como lenha em uma fogueira.*

68
Imaginação

Muito do discurso de ódio parte de situações idealizadas positiva (metas utópicas) ou negativamente (suposições de ameaças futuras) sem qualquer evidência. Os dois tipos podem passar a ser parte da lógica corrente e pautar conversas e decisões.

Dica: *A autoimagem do grupo de ódio também é idealizada, bem como a imagem do alvo. Em ambos os casos, é mais comum que ele opere com essa imagem caricata, por não conseguir lidar com a complexidade da realidade.*

69

Sobrecarga

O ódio, como ocorre com notícias falsas, buscará dominar o discurso através do volume, usando o ruído para confundir. O excesso de mensagens tem como propósito fazer o discurso parecer comum e aceitável.

70
Desonestidade

Qualquer arma é válida para o ódio, desde que possa vencer a batalha. A ligação com notícias falsas, aqui, é óbvia. Não espere honestidade, honra ou virtude de qualquer pessoa aderente a discursos de ódio.

Dica: *O ódio sabe que quem o combate geralmente tem boa vontade e honestidade, motivo por que gosta tanto de liberdade para falar o que quer e de debates. Não dê trela, não dê espaço.*

Parte 3:

Pequeno guia de denúncias *on-line*

Introdução

Depois de todas essas páginas, onde nos depara-mos com um mundo horrível, com pessoas terríveis e situações por vezes desesperadoras, a perspectiva de denúncia é simultaneamente uma necessidade desesperada, e uma ideia que soa ridiculamente ingênua e ineficaz. Pois bem, já vou dizer antes de tudo: a perspectiva não é boa, mas há algumas coisas que conseguimos fazer.

Hoje, enquanto escrevo estas palavras, há dois meios de ação mais ou menos direta, e mais ou menos efetiva, nas redes sociais para denúncias sobre ódio, bem como para notícias falsas, *spam*

e golpes. Estou falando do que está acessível para civis, e do tipo de ação que pode ser feita de nossas próprias casas, com segurança e anonimato.

O primeiro tipo é a denúncia para as autoridades, que geralmente acaba sendo usado para casos mais graves. As infrações “menores” ou anônimas são mais difíceis de serem ouvidas por eles (ainda mais porque, no caso, muitas vezes são até mais difíceis de denunciar, exatamente por isso e também por falta de interesse).

O segundo tipo é a denúncia em redes sociais, nos sistemas nativos de cada plataforma. Sim, eu sei que há uma fama considerável de que essas frentes de denúncia são inúteis, mas estou aqui para dizer que não é o caso e que, se você souber como denunciar, é possível fazer a diferença.

Nenhuma das soluções aqui é definitiva. Não é derrubando contas ou denunciando pessoas na vida real que nós vamos solucionar os problemas apontados neste livro. Mas é fato que, se todos tratarem os casos com mais responsabilidade, tornaremos o mundo *on-line* (e, quem sabe, um pouco do *off-line*) um tanto mais confortável para todos, exceto para golpistas, mentirosos e odiosos que, convenhamos, não deveriam estar à vontade para fazerem o que fazem. De pouco em pouco, dá para as coisas ficarem melhores. Ou, talvez, “menos ruins.”

Inclusive, suponho que esteja óbvio, mas é preciso deixar claro para a minha própria proteção legal, bem como para o bem-estar de todas as pessoas que lerem esta obra: não ataque pessoas! Não faça justiça com as próprias mãos. Se você encontrar algum criminoso, envolva as autoridades e preserve-se.

Outro ponto que já deve estar claro por outras partes desta obra, mas que reforço: não interaja com contas de disseminadores de ódio e golpes. Nem compartilhe conteúdo, nem mande mensagens, nem qualquer outra forma de contato. Você só vai ajudar a divulgá-los ainda mais, e talvez se coloque em risco, bem como outras pessoas.

Denúncia para as autoridades

Obs.: Todos os links referenciados abaixo estão no Linktree do "Pequeno guia de sobrevivência on-line para o século XXI", apontado no início desta obra, e o qual reforço aqui: ***https://linktr.ee/pequenoguiadesobrevivencia***

Hoje, para levar denúncias para autoridades, um dos melhores caminhos é a Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos, da SaferNet Brasil.

A SaferNet Brasil é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, que busca defender e promover os direitos humanos na Inter-

net. Por meio de sua interface de *hotline*, eles recebem milhares de denúncias *on-line* todos os dias sobre os mais diversos crimes. As informações são analisadas, checadas e encaminhadas para autoridades competentes realizarem investigações policiais. Tudo isso mantendo o anonimato de quem deu a dica.

Para denunciar, é fácil:

1. Pesquise “SaferNet” no seu *site* de buscas de preferência, ou acesse: **safernet.org.br**;

2. Clique em “DENUNCIE” para entrar no *hotline*;

3. Escolha a categoria que melhor descreve o tema em questão. Lembre-se de que, como eles recebem muitas denúncias, o ideal é que o tema seja escolhido com a maior clareza possível. No momento em que este texto foi escrito, as categorias disponíveis eram:

    · Pornografia infantil;
    · Racismo;
    · Apologia e incitação a crimes contra a vida;

· Xenofobia;
· Neonazismo;
· Maus tratos contra animais;
· Intolerância religiosa;
· LGBTfobia;
· Tráfico de pessoas;
· Violência ou discriminação contra mulheres;
· Fraude eleitoral.

4. Preencha com o URL (endereço) do *site* em que está a mensagem/conteúdo/*post* a ser denunciado;

5. Adicione um comentário para contexto extra;

6. Envie a denúncia, e salve o protocolo para consulta posterior.

Nem todo caso, como já mencionei, acaba sendo viável, mas os que forem possíveis acabam sendo material para investigações.

Isso pode ou não gerar respostas rápidas nas redes sociais, só que, de todo modo, muitas vezes o buraco é mais embaixo e o que interessa, mais do que um resultado de uma hora para outra, é um trabalho efetivo e completo. Como você pode

ver, olhando pelo gráfico disponibilizado na página do *hotline*, as denúncias de pornografia infantil formam a categoria mais volumosa, então fica claro o peso que uma denúncia feita corretamente, nas mãos das pessoas certas, pode ter para o Brasil e para o mundo.

A própria SaferNet também conta com um canal de ajuda para dúvidas diversas dos usuários, além de ser uma excelente fonte de informações sobre como se proteger *on-line*, tópico extremamente relevante, mas que não é o foco desta obra.

Caso prefira, você também pode procurar as delegacias especializadas em cibercrimes. Convenientemente, para o Brasil, a SaferNet também possui uma lista dessas instituições com endereço e informações de contato, divididas por estado. Você pode encontrar esse conteúdo no *site* deles. Como cada grupo acaba tendo um nome diferente de acordo com o local, a lista ajuda a evitar confusões e a facilitar a localização.

Preciso explicitar, antes de prosseguirmos, que nem o autor e nem esta obra são, de forma alguma, afiliados ou correlatos com a SaferNet ou com qualquer autoridade. Este trabalho que faço é voluntário, partindo de uma iniciativa e militância próprias por uma Internet e um mundo melhor. Se cito essas outras figuras, é unicamente por saber que são caminhos efetivos, com trabalho competente.

Denúncia em redes sociais

Eu, o autor, estou na Internet há muito tempo, e uma coisa eu posso dizer com tranquilidade: as redes sociais, na maior parte do tempo, são os principais pontos de propagação de notícias falsas, golpes e ódio. Isso não é novidade para ninguém, já que todos nós, sendo alvos diretos ou não, acabamos sendo em algum momento atingidos por algum conteúdo desses tipos.

Naturalmente, aqui nós temos que enfrentar uma complicação bem específica, que também não é segredo para ninguém: se as redes são centros de disseminação de desgraça, isso significa

que ou elas não estão preocupadas com evitar que esse tipo de conteúdo exista e seja disseminado, ou elas são incompetentes para evitá-lo. Dependendo da fonte que você pesquisar, alguns dirão que é um caso, outros dirão que é o outro, e eu afirmaria que, na verdade, são os dois.

As redes sociais, em geral, lucram com publicidade. Interessados investem em anúncios, e usuários se tornam público-alvo. Alternativamente, algumas redes oferecem soluções pagas de assinaturas, e outras opções para gastar dinheiro, prometendo vantagens e até menor exposição a anúncios. O resumo, porém, é o mesmo: se você está em redes sociais, você é o produto, e ainda pode efetivamente gastar dinheiro. Ou seja, quanto mais gente estiver em uma rede, mais lucrativo. E quanto mais as pessoas se envolvem, mais tempo passam na rede, e maior a chance de que continuem ali.

Nesse sentido, as plataformas são desestimuladas, pelo próprio modelo de negócios, de controlarem a presença ou a atuação de usuários. Sim, poderíamos afirmar que um ambiente insalubre afastaria pessoas, mas os formatos viciantes impedem que as deixemos.

Assim, é fato que as redes não vão querer se livrar de nazistas, racistas, misóginos, homofóbicos, transfóbicos, capacitistas, etaristas, into-

lerantes religiosos e tantos outros, porque eles também são público-alvo de um ou mais interesses, ou gastam dinheiro. Ao mesmo tempo, esses usuários, como já deve ter ficado evidente, entendem que não são necessariamente bem-vindos, que não são os produtos prioritários, então existem regras para coibir suas manifestações mais extremas. O que os leva a certo nível de disfarce. Isso dá a eles a chance de continuarem despejando ódio com alguma impunidade, e dá a desculpa para a moderação da rede demorar para (ou se isentar de) puni-los.

E, convenhamos, considerando prazos longos, a necessidade de equipes dedicadas, e mesmo a má vontade e o desconhecimento, é plausível que muito do que esteja no ar de conteúdo odioso e agressivo só continue assim por pura incompetência e desorganização.

Isso dito, seria injusto afirmar que as redes se isentam completamente. Como veremos a seguir, há diversos caminhos que têm certa efetividade e, se por conta própria as supostas autoridades não estão resolvendo as coisas, é importante que nós, usuários, façamos nossa parte.

O que é possível denunciar e o que funciona

Aqui a situação é um pouco peculiar, e você irá notar que parte do que está abaixo é contrariado até mesmo por parte da documentação oficial das redes. Isso porque, em muitos casos, vários canais sociais apresentam uma posição bem clara a favor do bem-estar de seus usuários, mas na prática acabam ignorando ou indeferindo denúncias.

Não há intenção alguma, aqui, de atacar a reputação de qualquer rede social, de seus usuários ou de seus mantenedores, e qualquer afirmação de ineficácia ou peculiaridades de funcionamento são com base na experiência do próprio autor em anos de uso das plataformas, bem como de impressões coletadas por outros usuários e, muitas vezes, replicadas amplamente pela mídia e por autoridades.

Com isso dito, vamos a uma conversa mais prática. Com anos de experiência em denúncias, apesar das mudanças constantes das redes, consigo afirmar com certa objetividade não apenas o que oferecem, mas o que realmente funciona, e o quanto funciona. Isso não deve desanimar você de tentar fazer o certo, mas sim nivelar suas expectativas. Não espere salvar o mundo, nem que a moderação de qualquer rede seja ideal.

Existe muito que pode ser denunciado. A seguir, com base em telas de denúncia, documentação e termos de serviço, eu fiz uma lista dos principais pontos. Alguns foram aglomerados, outros foram destrinchados de modos que nem todas as redes apresentam, mas é tudo para tornar a conversa mais didática. Pode ser, justamente por isso, que algumas coisas você não encontre com as palavras exatas que estou colocando ali.

Tabela de possibilidade de denúncia

	Facebook	Instagram	LinkedIn	TikTok	X	WhatsApp	YouTube
Assédio sexual	SIM	INDIRETO	SIM	SIM	SIM	INDIRETO	INDIRETO
Bullying / Assédio / Insulto	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	INDIRETO
Classicismo	SIM	INDIRETO	INDIRETO	INDIRETO	INDIRETO	INDIRETO	INDIRETO
Conteúdo violento	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM
Discriminação por deficiência ou doença	SIM	INDIRETO	INDIRETO	INDIRETO	INDIRETO	INDIRETO	INDIRETO
Desinformação	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	INDIRETO	SIM
Distúrbios alimentares	INDIRETO	SIM	NÃO	SIM	INDIRETO	INDIRETO	INDIRETO
Divulgação de material sexual sem permissão	SIM	SIM	INDIRETO	SIM	SIM	SIM	INDIRETO
Etarismo	INDIRETO	INDIRETO	INDIRETO	INDIRETO	INDIRETO	INDIRETO	INDIRETO
Exploração sexual de menores	SIM	SIM	INDIRETO	SIM	SIM	SIM	INDIRETO

Tabela de possibilidade de denúncia

	Facebook	Instagram	LinkedIn	TikTok	X	WhatsApp	YouTube
Golpes e fraudes	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	INDIRETO
Homofobia	SIM	INDIRETO	INDIRETO	INDIRETO	SIM	INDIRETO	INDIRETO
Incentivo à violência	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	INDIRETO
Intolerância religiosa	SIM	INDIRETO	INDIRETO	INDIRETO	SIM	INDIRETO	INDIRETO
Misoginia	SIM	INDIRETO	INDIRETO	INDIRETO	SIM	INDIRETO	INDIRETO
Nudez	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM*	INDIRETO	SIM
Perfil falso / falsidade ideológica	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	NÃO
Racismo / xenofobia	SIM	INDIRETO	INDIRETO	INDIRETO	SIM	INDIRETO	INDIRETO

*O Twitter/X é exceção nas redes no sentido de que material sexual não é bloqueado, mas apenas desestimulado. Normalmente, não há punição para conteúdo adulto consensual e em contextos adequados nessa rede, exceto pela exposição a outras pessoas ou a falta de uso de um aviso de conteúdo sensível/adulto. Nas outras, por padrão, não é permitido nudez ou conteúdo sexual, por vezes mesmo o que seja considerado evocativo, mesmo que indireto.

	Facebook	Instagram	LinkedIn	TikTok	X	WhatsApp	YouTube
Símbolos de ódio	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	INDIRETO	INDIRETO
Spam	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM
Suícidio ou automutilação**	SIM	SIM	INDIRETO	SIM	SIM	INDIRETO	INDIRETO
Suspeita de invasão de conta	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	NÃO
Terrorismo	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	INDIRETO
Transfobia	SIM	INDIRETO	INDIRETO	INDIRETO	INDIRETO	INDIRETO	INDIRETO
Vendas de produtos ilícitos	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	INDIRETO
Violação de direitos autorais	SIM	SIM	INDIRETO	SIM	SIM	SIM	SIM

**Se você estiver com pensamentos suicidas, automutilando-se, sentir que precisa de ajuda de alguma forma, ou encontrar alguém nesse estado, recomendo que procure a ajuda de profissionais, ou de canais como o Centro de Valorização da Vida no número 188 ou no *site* - https://www.cvv.org.br/. Disponível 24 horas por telefone e no seguinte horário por *chat*: Dom — 17h à 01h, Seg a Qui — 09h à 01h, Sex — 15h às 23h, Sáb — 16h à 01h.

Olhando assim, é ao mesmo tempo desanimador, por lembrarmos que o mundo é um lugar em que muita coisa errada pode ser feita, e animador, porque ao menos em tese as redes estão preparadas para combater a criatividade humana para maldade.

Como você pode notar, em muitos casos, como no Instagram e no WhatsApp, as denúncias acabam sendo genéricas para grupos amplos de assuntos. Vez ou outra, não há nem foco específico, mas opções amplas que cobrem várias frentes, então alguns itens foram indicados como **indiretos** na tabela, porque podem ser denunciados, mas não possuem item específico nos menus de denúncia . Os poucos que estão indicados como não cobrindo algumas das frentes, não é por permitirem o conteúdo em questão, mas simplesmente por não terem uma opção direta, nem clareza de que outra se classificaria.

O Twitter/X, conhecido amplamente como uma das redes mais tóxicas entre as grandes, é surpreendentemente detalhista em suas denúncias, oferecendo o maior número de variações e detalhes de denúncia. Inclusive, chegou a inclusive ter uma opção que especificava o desrespeito de nome e pronomes de usuário. Mudanças recentes, porém, não especificam mais esse ponto,

mas a rede continua tendo uma equipe de moderação aparentemente mais efetiva que outras.

Algumas coisas são universais: conteúdo de ódio claro e direto, em tese, é o foco em denúncias, bem como material adulto, ilegal e *bullying*/insultos de formas diversas. Se você for olhar bem, nenhuma das redes efetivamente evita as questões aí listadas. O grande problema é que elas muitas vezes não são específicas no que está sendo considerado nas denúncias, nem qual o critério de julgamento de suas equipes de moderação.

Sem dúvida, há detalhamento em documentação, mas muitas vezes os detalhes usam terminologia vaga, subjetiva, e outras vezes, mesmo quando o termo é especificado, as denúncias simplesmente não funcionam.

A partir disso, depois de muitos testes, há algumas conclusões, e é possível notar que há certos padrões do que realmente acaba sendo considerado violação ou não. A seguir, temos a mesma tabela que acabamos de ver, mas a ideia será a efetividade percebida de cada um dos tipos de denúncia. Já reforço, apesar de tudo, não desanime.

Tabela de efetividade de denúncia

Para referência, a indicação de efetividade, na ordem: **nula -> baixa -> média -> alta**. Em alguns casos, pode ser indicado **incerta**, quando houver divergência de casos, ou baixa amostragem histórica.

	Facebook	Instagram	LinkedIn	TikTok	X	WhatsApp	YouTube
Assédio sexual	Alta	Alta	Alta	Alta	Alta	Média*	Média*
Bullying / Assédio / Insulto	Média	Média	Média	Média	Alta	Baixa	Baixa
Classicismo	Baixa	Baixa	Baixa	Baixa	Média	Nula	Baixa
Conteúdo violento	Alta	Alta	Alta	Alta	Alta	Média*	Média
Discriminação por deficiência ou doença	Baixa	Baixa	Baixa	Baixa	Média	Baixa	Baixa
Desinformação[1]	Baixa	Baixa	Baixa	Baixa	Baixa	Baixa	Baixa
Distúrbios alimentares	Média	Média	Média	Média	Média	Baixa	Baixa
Divulgação de material sexual sem permissão	Alta	Alta	Alta	Alta	Média	Média*	Alta

[1] A cobertura de desinformação nas redes é, em geral, consideravelmente baixa. Quando ela é explicitamente ligada a outros tipos de denúncia, como discurso de ódio, ela é mais efetiva.

	Facebook	Instagram	LinkedIn	TikTok	X	WhatsApp	YouTube
Etarismo	BAIXA	BAIXA	BAIXA	BAIXA	MÉDIA	NULA	BAIXA
Exploração sexual de menores	ALTA	ALTA	ALTA	ALTA	ALTA	ALTA	ALTA
Golpes e fraudes	BAIXA	BAIXA	BAIXA*	MÉDIA	MÉDIA	BAIXA	MÉDIA
Homofobia	BAIXA	BAIXA	BAIXA*	MÉDIA	ALTA	NULA*	BAIXA
Incentivo à violência	MÉDIA	MÉDIA	ALTA*	MÉDIA	MÉDIA	NULA	MÉDIA
Intolerância religiosa	BAIXA	BAIXA	MÉDIA	BAIXA	MÉDIA	NULA	BAIXA
Misoginia	BAIXA	BAIXA	MÉDIA	BAIXA	MÉDIA	BAIXA*	BAIXA
Nudez[2]	ALTA	ALTA	ALTA	ALTA	ALTA	NULA*	ALTA

[2] Reforçando, o Twitter não pune usuários por conteúdo adulto, mas a natureza dele, bem como a sua abordagem (em resposta a alguém, por exemplo), são levadas em consideração e geram punições.

Tabela de efetividade de denúncia

	Facebook	Instagram	LinkedIn	TikTok	X	WhatsApp	YouTube
Perfil falso / falsidade ideológica	Média	Média	Baixa*	Baixa*	Média	Baixa*	Baixa
Racismo / xenofobia	Média	Média	Média*	Média	Alta	Média*	Média
Símbolos de ódio	Média	Média	Média*	Média	Média	Baixa*	Média
Spam	Média	Baixa	Média	Baixa	Baixa	Baixa	Média
Suícidio ou automutilação	Alta	Alta	Alta	Alta	Alta	Baixa*	Alta
Suspeita de invasão de conta	Alta	Alta	Alta*	Alta	Alta	Nula	Média
Terrorismo	Média	Média	Média*	Média	Média	Média	Média
Transfobia	Baixa	Baixa	Média*	Média	Média	Baixa*	Baixa
Vendas de produtos ilícitos	Média	Média	Média	Média	Média	Baixa*	Baixa
Violação de direitos autorais	Alta	Alta	Alta	Alta	Alta	Baixa*	Alta

É preciso reforçar que não há dados oficiais de números de denúncias disponibilizados pelas plataformas, e todas as classificações acima não são feitas com o intuito de insultar ou elogiar as redes, sendo atribuídas com base em testes do autor, impressão de usuários, e casos notórios cobertos pela mídia. A intenção, aqui, é alinhar as expectativas dos usuários na hora de denunciar e, como veremos mais abaixo, ajudar a encontrar, com base nesses aspectos, as melhores maneiras de denunciar conteúdo irregular.

É possível notar que conteúdo de *bullying*, violência, nudez e violação de direitos autorais são quase sempre cobertos efetivamente pelas redes. Isso não quer dizer, porém, que tais materiais não escapem à vista de algoritmos e moderadores, e que não sejam imunes a denúncias. Ou seja, mesmo o que está indicado como alta efetividade pode falhar. Do mesmo modo, um volume suficiente de denúncias válidas para algo que normalmente não surte muito efeito pode acabar ajudando a derrubar.

É sabido, também, que as redes parecem muito mais lenientes com contas populares e, onde aplicável, verificadas. É comum que várias dessas tenham conteúdo que diretamente violam as regras, mas continuam no ar por motivos que nunca ficam claros. A suposição mais aceita é que não

é interessante para as redes perderem essas pessoas, seja por questões de influência ou de dinheiro, sem falar na resposta de parte dos usuários.

Em um caso ou outro, há mesmo autoridades, líderes de opinião e donos de redes sociais que engajam em conteúdo de ódio livremente e saem impunes exatamente por serem quem são. Vocês conhecem as figuras. Não há o que discutir: muitos usuários acabam punidos por replicarem conteúdo similar (ou idêntico) ao que muitas vezes essas pessoas fazem, enquanto elas seguem sem consequências.

Mas, enfim, façamos o que é possível, vamos em frente.

Funcionamento, dicas e truques

Então existe algum conteúdo ou contas que você quer denunciar, mas já se frustrou de tanto indicar isso para as redes e não ver efeito. Eu sei bem como é: às vezes, há coisas que qualquer um reconheceria como completamente inaceitáveis, mas a moderação parece fazer vista grossa. Discute-se muito se o que passa é por conivência (e há quem diga que, para boa parte do conteúdo, é exata-

mente esse o caso), ou se é por uma falha de reconhecimento do que ocorreu.

As falhas, sem dúvida, podem ser de “robôs” e, por isso, é útil que saibamos fazer tudo da melhor maneira possível, para que não apenas nossas denúncias sejam claras, mas para que também estejam corretas.

Pense assim: normalmente, todo conteúdo que entra em redes sociais é sujeito a algum tipo de automação. É por isso que termos adultos ou violentos já são barrados em algumas redes. As redes não fornecem detalhes precisos de como funciona o sistema de denúncias, mas fica evidente que boa parte do material passa por seres humanos, e que, dependendo da rede, o volume é alto e constante.

Imagine-se como um moderador cansado, que vê todo dia o pior da Internet à sua frente. Não seria surpresa alguma que você chegasse a um ponto em que teria menos atenção ou, ainda, menos paciência com uma denúncia na categoria errada, por exemplo.

Enfim, os direcionamentos a seguir são dicas e pequenos truques que visam educar quem está lendo a fazer denúncias de maneiras tanto responsáveis quanto efetivas, bem como protegendo você que denuncia. Elas não garantem efetividade, mas ao menos ajudam para que você possa se aproximar do melhor resultado possível.

Antes de seguir, vale discutirmos uma questão: afinal, por que estamos falando de denunciar conteúdo na Internet? Qual é o objetivo específico?

O básico é eliminar das redes conteúdo que viola os termos de uso de cada plataforma, que normalmente também estão alinhados com o que se entende pelas nossas leis como discurso de ódio. Ou seja, queremos limpar o que é indesejado e que todos os usuários concordam que não devem fazer ao participarem da rede em questão, pois aceitam os termos de uso.

Em uma visão mais ampla, essas dicas também consideram derrubar, dentro das regras, contas que violam essas regras. Um usuário reincidente em violações de discurso de ódio, geralmente, sabe que está abusando, e está insistindo enquanto puder, tanto que muitos, ao perderem contas, criam outras.

Um *post* de violação geralmente é apagado, e todo conteúdo de uma conta suspensa geralmente também é. Isso "limpa" um pedaço da Internet que foi sujado pelo usuário em questão. Algumas das dicas a seguir, com isso em mente, vão focar na suspensão de conta como objetivo principal, por essa efetividade.

Isso é censura, ou limitação da liberdade de expressão? Não, ninguém está sendo impedido de se expressar. As pessoas só estão tendo conse-

quências pelo modo e conteúdo que expressam. E, de novo, nada sugerido aqui é contra as leis, seja do país ou das redes sociais. No caso, a punição é dentro da jurisdição das redes sociais. Se não gosta, você é livre para reclamar delas como todas as outras pessoas.

Com isso dito, vamos começar.

22 orientações para fazer denúncias na Internet (com dicas complementares).

Os sistemas sabem quem é você, e quem você denunciou, mas o resto das pessoas não sabe disso. Não tenha medo de denunciar. Mesmo que a pessoa em questão note que foi denunciada, ela não tem como descobrir quem o fez.

2

Faça apenas denúncias verdadeiras

Normalmente, já é bem difícil que denúncias comuns sejam aceitas. Denúncias falsas, então, raramente seguem. É ético, dessa maneira, tentar ter o comportamento mais honesto possível, já que quem vai avaliar o que você mandar também é gente.

3

Não tenha comporta- mento abusivo

Não deveria precisar dizer, mas estamos aqui falando sobre evitar *bullying*, discurso de ódio e derivados, e isso se aplica a você, que também está contra isso. Avalie seu com- portamento e não faça no calor do momento.

Dica: *Também não utilize os sistemas de denúncia como meio de coerção. Você não está fa- zendo isso para ter uma arma contra pessoas de quem você não gosta, condicionando sua ação ao seu humor ou disposição em relação a elas.*

4

Não abuse do sistema

Não use automações, não use contas falsas, não fique insistindo em uma denúncia já feita. Além de desonesto, é ineficaz. Normalmente, se a denúncia é julgada improcedente, não importa a insistência.

Dica: *Inclusive, algumas redes listam em suas documentações que o uso indevido de certas opções configura uma violação. São raros os casos de punições ou problemas por isso, mas, se está listado, é porque é possível.*

5
Não incentive comportamento abusivo

Além de se comportar, incentive que os outros também se comportem. Se estamos falando de civilidade, o ideal é todos se comportarem. Também evite linchamento e vigilantismo, que pode gerar confusão (e vítimas) desnecessariamente.

6
Não identifique publicamente sua denúncia

Alguns usuários identificam abertamente quem estão denunciando. Evite, pois isso pode gerar ameaças à sua segurança e à dos outros ao seu redor e, em um ponto de vista mais prático, um bloqueio que te dificultará denunciar esse usuário.

7

Escolha precisamente o que está denunciando

Muitas denúncias são desconsideradas porque quem o fez não escolheu a categoria temática certa. Se você está na dúvida, tente se aproximar ao máximo do ideal. Se achar que nada funcionará, tente outro conteúdo.

Dica: *O Twitter/X é um dos mais flexíveis nesse ponto, já que ele detalha vários subtemas. Para as outras redes, prefira o que for mais proeminente no conteúdo em questão.*

8

Quando for denunciar, denuncie o máximo que puder

Ainda que *posts* sejam denunciados um a um, e a punição possa afetar um perfil inteiro, se você encontra conteúdo de ódio, vale a pena acessar a conta em questão e procurar outros, denunciando-os, para um resultado mais eficaz.

***Dica:** Muitas vezes, a diferença entre ter uma conta com conteúdo de ódio no ar ou derrubá-la reside na insistência. O material de ódio que chegou em você geralmente é a ponta de um iceberg que passou despercebido pela moderação por não furar a bolha da conta original.*

9

Lembre-se de denúncias alternativas

Além do material que você denunciar em si, lembre-se de que o perfil, se tiver discurso de ódio ou outras práticas não condizentes, também pode ser denunciado. E mais: muitas vezes um usuário tem violações diferentes. Varie e adapte de acordo.

10

Se for o caso, colete evidências

Se for levar o caso à justiça, lembre-se de fazer capturas de tela completas, gravar nome de usuário, endereço do perfil e de *posts* etc. *Sites* como o Wayback Machine do Internet Archive permitem também fazer cópias *on-line* para registro.

11

Atenção para as mensagens de aviso

Diferentes redes sociais têm diferentes padrões de aviso de resultados de denúncias, e algumas até os centralizam em áreas de segurança. Preste atenção nessas áreas para observar se houve resultado nas suas ações e adaptar -se de acordo.

12
Não insista no que não funcionou

Se um *post* específico não foi entendido como violação, não insista, mesmo que seja evidente para você que é. As redes não consideram recorrência, e não vão mudar o resultado. Prefira encontrar novos *posts* do mesmo usuário.

Dica: *Existem casos em que uma denúncia é dada como indeferida e tempos depois é considerada. Não se sabe bem se é uma mudança por insistência de usuários, ou por mudança de ideia da equipe de moderação dentro de outro critério.*

Insista no que funcionou

Muitas vezes, ocorre o efeito “Al Capone”: um usuário faz todo tipo de violação, e no final acaba sendo punido por algo relativamente menor. Fique atento para esse tipo de coisa em suas denúncias, e insista no que traz mais resultado.

Dica: *Apesar das referências dadas na parte anterior, as redes mudam. Alguns conteúdos, por vezes, também acabam sendo mais facilmente reconhecidos como violações do que outros, em um nível de subjetividade difícil de prever. Fique de olho.*

14 Prefira o que for mais claro

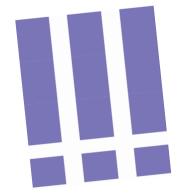
Algumas documentações afirmam que a moderação considera o contexto na hora de avaliar uma denúncia. Isso é verdadeiro, mas nem sempre efetivo, especialmente com *posts* mais disfarçados. Ou seja, na hora da denúncia, procure violações explícitas.

Dica: *No caso de grupos de ódio conhecidos, mesmo novilíngua e símbolos usados para disfarce são detectáveis, então não se acanhe de denunciá-los. Não é por falta de clareza que você deve deixar de fazer a denúncia.*

15

Foco em abordagem direta e bullying

Posts comuns podem conter violações, mas o que é mais efetivo é o ataque direto, com respostas odiosas. Na hora de denunciar um perfil, focar nesse tipo de abordagem pode fornecer evidências bem mais concretas do comportamento de ódio.

Não engaje

O discurso de ódio se alimenta de engajamento. Quanto mais gente falar com eles, mesmo negativamente, mais longe ele irá. Denuncie em silêncio. Além de coibir o alcance, evita que descubram quem você é e te deixa fora de risco (e de suspeita).

Dica: *Lembre-se de que tanto o discurso de ódio quanto as notícias falsas adoram um debate, e eles nunca serão convencidos. Não perca o seu tempo. Também evite reproduzir, seja em compartilhamentos ou em capturas de tela. Raramente isso serve de algo.*

17

Pense estrategicamente

Você não deve pensar em modo de ataque, mas de contenção. Ou seja, isso não é um jogo em que se ganha e canta vitória, e sim uma tentativa de fazer algum tipo de justiça. Mesmo que seja difícil, não perca tempo com vinganças ou com ódio.

18

Sem seletividade desnecessária

A raiva do oprimido é justificada, mas não confunda isso com alguém se aproveitando de uma posição de "justiça" para destilar ódio. Muitas vezes, um propagador de ódio é alvo com as mesmas armas de ódio que ele usa. Não proteja isso.

Dica: *Não existe "homofobia do mal" e "homofobia do bem", não existe "machismo do mal" e "machismo do bem", e assim por diante. Se você encontrar alguém com discurso de ódio, recomendo que mantenha o critério de denúncia coerente.*

19

Prefira conteúdo a perfis

O foco repetido em denúncia de *posts* não é gratuito. Muitas vezes, a denúncia de um perfil pode parecer como um jeito de dizer “muito do que está aqui é abusivo”, mas isso raramente é eficaz. Busque individualmente na hora de denunciar.

Dica: *Não é certeiro, mas, para algumas redes, há a suspeita de que conteúdo em inglês seja mais fácil de gerar resultados efetivos, pela maior moderação e automação. Não deixe isso coibir suas denúncias em português e, se possível, use isso a seu favor.*

20
Se tiver tempo e saúde mental, crie uma rotina

Muitas vezes, denúncias derrubam *posts* e geram punições temporárias. Isso significa que, com contas dedicadas a ódio, todo conteúdo histórico segue lá, bem como os seguidores. Se quiser se dedicar, organize-se para insistir.

Dica: *Caso queira se dedicar, atente-se para o resultado das denúncias, e ajuste-as quando necessário. Como pode ser cansativo denunciar muita coisa de uma conta de uma só vez, vá aos poucos. Lembre-se: contas de ódio se relacionam, então uma pode ser fonte para achar outras.*

21 Tenha paciência

Algumas denúncias acabam gerando resposta no mesmo dia, mas a maioria leva dias, até semanas. Dependendo da rede, meses. E, em todo caso, muitas vezes você levará uma resposta negativa. Continue insistindo. Nem sempre é uma atividade com retorno imediato.

22 Não desanime

Levar negativas pode ser frustrante, o que não é motivo para desanimar ou desistir. Pense que, muitas vezes, alguém só está se safando com todo tipo de conteúdo horrível, golpes e crimes, porque ninguém está fazendo o mínimo. Não deixe também de fazer.

O que acontece depois?

Legal, você fez sua denúncia. E aí? O que acontece agora?

Cada rede tem um sistema diferente de notificações para registrar sua denúncia. Algumas preferem uma central de segurança, como o Facebook, mas a maioria se baseia em notificações que chegam junto com outras para você, como o caso do Twitter/X.

O tempo para resposta, como mencionado antes, também varia consideravelmente pelo tipo de denúncia, pela rede e mesmo pelo dia de semana (naturalmente, a moderação tem o seu horário de trabalho e descanso). Há quem diga que o volume de notificações de um mesmo conteúdo, em algumas redes, também facilita para chamar atenção da moderação, desta forma ajudando a derrubar um conteúdo (ou usuário) mais rapidamente.

Seja como for, apenas casos muito graves ou que chamaram muita atenção acabam gerando resposta no mesmo dia e, ainda assim, isso pode variar. Como mencionado anteriormente, é mais comum que sua resposta venha dias depois, até semanas ou meses.

Quando a resposta vem, duas coisas podem acontecer: a primeira delas é indeferirem sua reclamação, apontando que ela, na interpretação

deles das regras, não viola os termos de uso. Se esse for o caso, paciência. Bola para frente ou, se você tem certeza de que a pessoa em questão está violando as regras, procure mais conteúdo dela que demonstre esse comportamento. Reforço: não insista no que não deu certo.

A segunda alternativa, se seu julgamento e o da rede em questão estiverem alinhados, é o usuário ser punido pelo que fez. No geral, também há critérios diferentes para punição, mas é consenso que, havendo uma violação, as seguintes ações são as respostas possíveis em praticamente todas as redes:

1. Remoção de conteúdo

O básico: o conteúdo não deve estar na rede, porque viola alguma das regras. Ele, então, é derrubado. Pronto! Sem segredo. Em algumas redes, o conteúdo é removido pela moderação, mas há casos em que o usuário é forçado a deletar para recuperar o acesso à plataforma ou às suas funções, como veremos a seguir.

2. Indicação de conteúdo sensível no conteúdo

Normalmente, as redes derrubam conteúdo indevido, mas vez ou outra existem aquelas que permitem que ele continue no ar, porém com limitações de público ou uma visualização oculta.

3. Suspensão temporária (também conhecida popularmente como "gancho")

Dependendo da rede e do tipo de violação, bem como do histórico, um usuário pode receber como punição uma suspensão temporária, que o deixa algum tempo sem acesso à conta na rede. Geralmente, suspensões temporárias duram entre um dia e uma semana, mas existem períodos maiores.

4. Suspensão de funções

Comum no Instagram, mas não exclusiva dele, esse tipo de punição geralmente é temporário e corresponde ao bloqueio de uma ou mais funções da rede social, geralmente quando ela foi o caminho de abuso. Um exemplo comum é o bloqueio de mensagens privadas para usuários que fizeram *spam*.

5. Desmonetização

Comum no YouTube, mas também passível de ocorrer em outras redes sociais ou de *streaming*, trata-se da desativação da capacidade de monetização de um conteúdo, ou de todo o canal do usuário em questão. Geralmente, há como recorrer desses casos, mas as punições tendem a ser definitivas.

6. Shadowban

Termo abrangente para o ato de uma rede social esconder, ou deixar de mostrar, o perfil de um usuário e seu conteúdo. Geralmente, essa decisão não é feita publicamente, e muitas redes negam que tal comportamento exista, por mais que usuários atestem que não é o caso. Existem várias manifestações de *shadowban*, muitas vezes com diferentes versões em uma mesma plataforma, mas as mais comuns são a redução de alcance de conteúdo, dificuldade de localização na busca e casos de o usuário só ser encontrado se seu nome for procurado de modo exato.

7. Suspensão permanente

A punição máxima é quando um usuário perde a conta, e todo seu conteúdo também é apagado (além de “suspensão permanente”, há quem diga que o usuário foi “banido”). Em tese, usuários que levam essa punição não deveriam voltar a usar a rede social, porque a criação de novas contas nessas circunstâncias viola as regras da rede social, mas é comum que os infratores não desistam, e que as redes nem sequer notem (ou façam vista grossa). De todo modo, ainda é uma vantagem para quem denunciou, por essa perda de histórico, bem como por enfraquecer a rede e, por consequência, a mensagem do usuário em questão.

Epílogo: *premissas simples*

Chegamos ao final, e eu sinto que há muito mais que faltou ser dito. Apesar de dezenas de análises, dicas, conselhos e apontamentos, só raspamos a superfície de algo muito maior, só não infinito porque ninguém nesse mundo é infinito.

Enfim, não cabe aqui ir mais longe do que isso. Na prática, já fui bem além do que esperava quando comecei. A proposta desta obra não é salvar o mundo, nem solucionar o problema das notícias falsas ou do ódio *on-line*, e seria pretensão demais achar que uma só pessoa poderia fazê-lo.

Não é pretensão achar que eu posso fazer uma diferença, por menor que seja, do mesmo modo que cada pessoa poderia fazer mais. Então esta obra está aqui, pronta para quem quiser.

Talvez você sinta que este trabalho foi meio evasivo. Talvez sinta que eu tenha deixado de apontar nomes. Isso foi de propósito. Não porque eu quero proteger alguém ou passar pano para as coisas erradas que fazem ou dizem. Não, eu fiz isso como uma cortesia aos meus leitores.

Lembram que eu disse que todos somos sujeitos a manipulação? Pois bem, eu confio que somos todos capazes de compreender a universalidade de algumas ideias, mas sei que, frente a certas adesões, fica mais difícil para muitos de nós comprarmos a ideia se o contexto apontar muito explicitamente os problemas de nossas paixões. Eu poderia ilustrar este livro inteiro com exemplos práticos, mas na maior parte das vezes não o fiz porque eu não queria portas fechadas pelo reflexo de ignorância passional que, por mais que seja difícil de admitir, todos nós acabamos tendo em algum momento da vida.

(Isso dito, eu realmente me oponho de forma pública e clara a qualquer comportamento intolerante em todas as formas que citei acima, incluindo, mas não limitado a: misoginia, racismo, xenofobia, capacitismo, LGBTQIAP+fobia etc. Di-

reitos LGBTQIAP+ são direitos humanos e, se você discorda, por qualquer motivo, você é uma pessoa moralmente desprezível, e saiba que este livro fala em boa parte sobre coisas que pessoas como você dizem e fazem. Idem para aqueles aderentes a filosofias nazistas, fascistas — literais ou inspiradas por essas — e correlatas.)

Se você gostou da leitura, eu espero que este livro te ajude, e ajude as pessoas ao seu redor. Identificar notícias falsas e ódio é uma habilidade que se mostrará cada vez mais imprescindível para navegar pela realidade incerta da vida em um mundo cada vez mais conectado, ainda mais que, por muitas vezes, há pouco que podemos fazer para combater essas desgraças.

Se for para tirar uma única lição deste livro inteiro, aqui está ela: tudo que as pessoas dizem geralmente se apoia em premissas muito mais simples do que elas admitem. Praticamente tudo que está por cima é perfumaria que elas usam, consciente ou inconscientemente, para esconder o cerne da questão.

E, claro, lembre-se de que isso também se aplica a mim. E a você que está lendo. Isso, em si, não deve ser entendido como um problema, mas como um efeito comum da mente humana. O problema é que nem toda premissa é adequada.

Entender isso nos permite identificar, rejeitar e combater o ódio e as mentiras com mais facilidade, porque não temos que nos aventurar por uma selva de contradições e debate inútil. E também resume por que não há motivo para permitir ou facilitar o discurso de ódio e as notícias falsas, e por que devemos combatê-los.

Força. E boa sorte.

Sobre o autor:

Nascido em São Paulo/SP, formado em Comunicação Social pela ESPM-SP, **Rodrigo Ortiz Vinholo** trabalha com a Internet em diferentes formas desde que tinha cerca de 16 anos, o que dá a ele quase 20 anos de experiência profissional nessa terra digital estranha. Como usuário, porém, o número sobe para cerca de 30 anos: ele usa a Internet desde meados dos anos 1990, começando com coisas hoje obscuras como BBSs, e já viu redes incontáveis sites e redes sociais nascerem e morrerem, como lágrimas na chuva. Quando ele chegou aqui, isso tudo era mato. Em 2023, ele lançou, com a ajuda de algumas pessoas fantásticas, o "Pequeno guia de etiqueta on-line para o século XXI", que foi a semente para dar origem a este livro. No resto do tempo, entre várias outras atividades, Rodrigo é um ser das letras. É autor de vários livros, sendo os mais recentes "Viagens oníricas" (2024, Edições Fuinha) e "Compêndio poético da fauna sentimental humana" (2024, Editora Gataria). Já ganhou alguns prêmios literários, foi finalista em outros e já participou de mais de 300 coletâneas de contos, poesias e quadrinhos. Ele está em praticamente todas as redes sociais, frequentemente denunciando com mais ou menos sucesso tudo que vê de errado. Você pode encontrar links para a maior parte dos perfis dele, bem como para outras coisas, aqui: **https://linktr.ee/rodrigoortizvinholo**